

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE DESPORTOS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Isaac Guilhon Nunes

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM DA LINGUAGEM TEATRAL NA  
ESCOLA E NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Florianópolis

2017

Isaac Guilhon Nunes

**A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM DA LINGUAGEM TEATRAL NA ESCOLA E  
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Cristiane Ker de Melo

Florianópolis

2017

Ficha de identificação da obra

Nunes, Isaac Guilhon

A importância da abordagem da linguagem teatral na escola e nas aulas de Educação Física

/ Isaac Guilhon Nunes ; orientadora, Ms. Cristiane Ker de Melo, 2017.

29 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Teatro. 3. Educação Física. 4. Trato Pedagógico. I. de Melo, Ms. Cristiane Ker . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. III. Título.

Isaac Guilhon Nunes

**A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM DA LINGUAGEM TEATRAL NA ESCOLA E  
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de  
“Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Departamento de Educação Física

Florianópolis, 12 de dezembro de 2017.

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup>. Dr. Cintia De La Rocha Freitas  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Ms. Cristiane Ker de Melo  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Francisco Emílio de Medeiros  
Universidade Federal de Santa Catarina

\_\_\_\_\_  
Prof. Rafael Spinelli  
Universidade Federal de Santa Catarina

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitário, mas em todos os momentos.

A minha orientadora Professora Cristiane Ker, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Meus agradecimentos aos amigos, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

Em especial para a minha dupla de Estágio Supervisionado I, Rosane Scherer, pelo apoio durante as aulas por nós ministradas.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## RESUMO

Essa monografia buscou destacar a importância da inclusão da linguagem teatral na escola e fomentá-la como conteúdo nas aulas de Educação Física. O problema que norteou essa pesquisa foi de tentar responder como esse conteúdo teatral pode ser abordado nas aulas de Educação Física e se é possível sua inclusão. O objetivo principal estabelecido foi de propor a expressão/linguagem teatral como conteúdo possível e necessário de ser desenvolvido nas aulas de Educação Física. O estudo teve como ferramenta de pesquisa a revisão de literatura do tipo exploratória e qualitativa, pois procurou conhecer, analisar, explicar e discutir o tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Além de que, esse estudo apresenta também uma análise documental, já que envolve seleção, tratamento e interpretação da informação existente em documentos. O que se concluiu dessa pesquisa foi que se torna necessário o desenvolvimento de formas de se trabalhar com a linguagem teatral nas escolas e torná-las mais acessíveis para os professores e futuros professores.

**Palavras-chave:** Linguagem teatral. Teatro. Educação Física. Conteúdos pedagógicos.

## ABSTRACT

This monograph sought to highlight the importance of including theatrical language in school and to foster it as content in Physical Education classes. The problem that guided this research was to try to answer how this theatrical content can be approached in the classes of Physical Education and if its possible inclusion. The main objective was to propose the expression / theatrical language as possible and necessary content to be developed in the Physical Education classes. The study had as a research tool the literature review of the exploratory and qualitative type, since it sought to know, analyze, explain and discuss the theme based on theoretical references published in books, magazines, periodicals and others. Besides that, this study also presents a documentary analysis, since it involves selection, treatment and interpretation of existing information in documents. What was concluded from this research was that it becomes necessary to develop ways of working with theatrical language in schools and make them more accessible to teachers and future teachers.

**Keywords:** Theatrical language. Theater. Physical Education. Pedagogical contents.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEJL – Casa Espírita Joana Lima

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

MEC – Ministério da Educação

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

LDB – Leis de Diretrizes e Bases

BNCC – Base Nacional Comum Curricular



## SUMÁRIO

|            |   |            |
|------------|---|------------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>111</b> |
| <b>2.</b>  | <b>A ESCOLA E AS DIFERENTES LINGUAGENS – O TEATRO EM QUESTÃO</b><br>..... | <b>17</b>  |
| <b>2.1</b> | <b>O CONTEÚDO TEATRAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....</b>                         | <b>24</b>  |
| <b>2.2</b> | <b>A LINGUAGEM TEATRAL ENTRANDO EM CENA.....</b>                          | <b>30</b>  |
| <b>3</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>40</b>  |
|            | <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>43</b>  |
|            | <b>APÊNDICE A - RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO</b><br><b>PARTICIPANTE.....</b>   | <b>47</b>  |
|            | <b>APÊNDICE B - PROJETO DE INTERVENÇÃO.....</b>                           | <b>50</b>  |
|            | <b>APÊNDICE C - RELATÓRIOS DE INTERVENÇÃO.....</b>                        | <b>57</b>  |
|            | <b>APÊNDICE D – PLANOS DE AULA.....</b>                                   | <b>70</b>  |

## 1 INTRODUÇÃO

Tomar o teatro como ponto de referência para realização dessa síntese de final de curso através do TCC é para mim uma grande realização, pois o teatro foi uma prática que permeou paralelamente minha formação em Educação Física. Sendo assim, a principal justificativa para a escolha dessa temática é buscar interligar minha experiência com o teatro e a formação em Educação Física, pois me deparei com a quase inexistência de pesquisas que abordem a relação do Teatro com a Educação Física de forma unificada.

Contextualizando um pouco melhor, minha experiência com o teatro começou em 2009 dentro da Evangelização da Casa Espírita Joana Lima (CEJL), onde o teatro é utilizado como estratégia metodológica para a apreensão do conteúdo ministrado durante o ano. A partir desta experiência, a CEJL conseguiu com que eu tivesse mais atenção e vontade de aprender, já que, com essa estratégia, tornava o aprendizado muito mais atrativo. Apresentei diversos esquetes<sup>1</sup> e gravei diversos curtas, todos escritos e realizados pelos participantes da juventude da CEJL, o que me tornou uma pessoa menos tímida e mais participativa.

Nesse meio tempo, em 2012, comecei a cursar Educação Física e, logo percebi que as aulas eram muito voltadas ao treinamento e aos esportes, o que foi fazendo com que eu perdesse um pouco o interesse pela área. A partir disso, resolvi pesquisar e pensar um meio de relacionar a Educação Física com o meu amor pelo Teatro, que sempre esteve presente em minha vida.

Trilhando esses dois caminhos vi o quanto a realidade da Educação Física Escolar encontra-se limitada por um determinado paradigma e, o quanto o universo da linguagem teatral pode contribuir para questioná-la e ampliá-la.

Historicamente a Educação Física na escola encontra-se muito voltada à vivência do esporte. Mesmo que os professores que hoje atuam nas escolas tenham tido em suas graduações disciplinas como danças, ginásticas, lutas, dentre outras modalidades, eles pouco utilizam desses conteúdos em suas aulas quando em atuação no ambiente escolar. Em geral, esses conteúdos são desvalorizados e/ou, deixados de lado. Vemos hegemonicamente prevalecer a prática dos quatro

---

<sup>1</sup> É uma peça de curta duração, geralmente de caráter cômico, produzida para teatro, cinema, rádio ou televisão.

principais esportes coletivos, conhecidos na área como “quadrado mágico” ou, “quarteto fantástico”, sendo eles o futebol, voleibol, basquetebol e handebol.

Muito embora tais modalidades estejam presentes nas aulas de Educação Física, não significa que estejam recebendo o devido trato pedagógico no sentido de ampliação do conhecimento do educando acerca dos respectivos conteúdos.

Muitas razões envolvem essa escolha do professor em relação ao conteúdo a ser ministrado que, em geral, é pessoal, ou seja, depende do gosto e da experiência acumulada pelo professor com determinada(s) modalidade(s). Além disso, outro elemento reforça a ocorrência dessa situação, é o caso das legislações em vigor no campo da Educação Física. As legislações existentes não perspectivam um projeto sistematizado de seriação de conteúdos, como ocorre com outras disciplinas. Sua ampla gama de possibilidades de manifestações no âmbito das práticas corporais/movimento das diversas culturas, dificulta qualquer tentativa de sistematização, limitação ou, classificação.

Buscando superar esse paradigma hegemônico da esportivização/aptidão física, trago a compreensão, inspirado pelo Coletivo de Autores (1992), que o campo da Educação Física, com seu leque de possibilidades deve também contemplar conteúdos que envolvem o universo das linguagens, tais como: a expressão e consciência corporal, a mímica, atividades rítmicas, o teatro, os jogos, as danças, as atividades circenses. Esses conteúdos podem e devem ser utilizados pelos professores na escola.

Esta é outra justificativa para a abordagem do tema, pois o ensino das artes na educação escolar brasileira segue concebido por muitos professores, funcionários de escolas, pais de alunos e estudantes, como supérfluo, caracterizado como lazer/recreação, ou mesmo luxo. Pouco se observa uma abordagem educativa pautada pela vivência das artes. A valorização do teatro e das artes na maioria das vezes é vivenciada apenas pelas classes economicamente mais favorecidas, as quais têm acesso aos conteúdos culturais elaborados pelos órgãos e instituições de fomento a tais práticas.

Quando, na verdade, a experiência artística, expressiva, pode ser implementada em qualquer disciplina. Sendo, no caso, importante pensar e repensar as estratégias aplicadas pelos professores. Pois, essas linguagens expressivas podem ser abordadas tanto como conteúdo, quanto como recurso pedagógico.

Ainda, no contexto escolar em geral, as expressões artísticas (teatro, dança etc.) acontecem esporadicamente e de forma precária. Essas atividades se manifestam apenas em dias festivos, quando as crianças são convidadas, e as vezes obrigadas e treinadas, a ensaiar (decorar e reproduzir) algo para apresentar aos pais, sem nenhuma participação no processo de construção, sem nenhuma elaboração do conhecimento envolvido e, sem conexão com os conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Essas experiências se tornam descontextualizadas e, portanto, fragmentadas e superficiais. Assim, as artes continuam fora do alcance desses sujeitos (educandos) em formação.

Essa perspectiva sugere pensar a importância da introdução do universo das artes na escola que, para tanto, necessita ser compreendida, abordada e elaborada em seu sentido mais amplo, qual seja: praticando, assistindo, conhecendo e refletindo. Trabalhar com o teatro não é apenas fazer os alunos assistirem as peças, mas também representá-las, fazer com que reflitam, estudem, leiam, escrevam e experimentem o corpo como forma de linguagem e expressão.

Por fim, um dos grandes problemas encontrados foi a carência de referências e estudos sobre a metodologia de ensino do teatro na escola. Faltam informações e pesquisas sobre o tema. Faltam professores capazes de trabalhar com o teatro nas escolas, posto que a bagagem cultural que carregam é restrita nesse campo, em função da (falta de) educação recebida. Pensando nisso, decidi reunir materiais e informações que mostrem suas potencialidades e formas de inclusão.

Dentre essas possibilidades citadas, o teatro, pode abordar tudo que podemos imaginar. O ensino e a prática do teatro inclui uma série de aprendizagens, como: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a impostação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, ajuda os alunos a desinibirem-se e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento. Enfim, são incontáveis as vantagens em se trabalhar o teatro.

Claro que, diante dos argumentos apresentados acima, não se pode afirmar que o conteúdo das linguagens expressivas, no caso, do teatro, seja a solução dos problemas históricos enfrentados pela Educação Física e a escola de um modo geral, mas é uma alternativa enriquecedora a ser pensada.

Dito isso, explico o problema motivador dessa investigação: Qual a importância da inclusão da linguagem teatral na escola e, como organizá-la enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física?

Dessa questão geral, outras surgiram e orientaram o processo de construção deste trabalho, são elas: Como as diferentes linguagens são tratadas no âmbito escolar? Essa alternativa é possível? O espaço físico da escola é adequado para a manifestação dessas linguagens? De que modo o teatro está inserido na escola? Como elas perpassam as disciplinas escolares? O que a legislação diz sobre sua inclusão no processo ensino aprendizagem? O quanto os professores estão preparados para ministrar esses conteúdos? Que modelo de formação seria necessário para transformar essa realidade? Será que esses conteúdos funcionam na prática? Como fomentar essa prática na escola? Quais as vantagens de se trabalhar com a linguagem teatral na escola? Quais outros conteúdos podem ser associados? Existem proposições metodológicas para o trato pedagógico do teatro na escola? É importante a arte adentrar os muros das escolas? Que acesso os professores têm a esses conteúdos em seus lares? O que é teatro? Quais os tipos existentes?

Foram muitas as questões colocadas ao longo do processo de estruturação do trabalho, e, na medida do possível, com o auxílio da literatura e de uma reflexão sobre a experiência com teatro em um estágio em um curso de Licenciatura em Educação Física, foi possível abordar e discutir alguns dos elementos que as perpassam.

O estudo teve como objetivo principal propor a expressão/linguagem teatral, e suas potencialidades, como conteúdo possível de ser desenvolvido no âmbito escolar e nas aulas de Educação Física. E como objetivo específico, examinar brevemente as perspectivas e legislação envolvendo o teatro e a Educação Física; refletir sobre algumas estratégias metodológicas experienciadas com o teatro durante o Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar no curso de Licenciatura em Educação Física.

A abordagem metodológica utilizada neste estudo constituiu-se por uma natureza qualitativa que, de acordo com o entendimento de Neves (1996, p.01), não busca enumerar ou medir eventos; ela serve para obter dados descritivos que expressam os sentidos dos fenômenos. Mas também apresentou uma perspectiva exploratória que, segundo Barros e Lehfeld (1990) pode facilitar o desenvolvimento da própria pesquisa, uma vez que as informações coletadas, já foram trabalhadas por terceiros.

Sendo assim, congregando essas dimensões, o trabalho foi construído num primeiro momento a partir de uma pesquisa bibliográfica, a qual procurou conhecer, analisar, explicar e discutir o tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros (MARTINS; PINTO, 2001). Complementando, segundo Mercadante (2010), fazer uma revisão de literatura tem papel fundamental no trabalho acadêmico, pois através dela situa-se um trabalho dentro da grande área de pesquisa da qual se faz parte.

Dessa forma, foi feito um levantamento das obras tendo como referência os seguintes temas, “Teatro na Educação Física”, “Teatro no âmbito escolar”, “Teatro potencialidades”, “Teatro professor escola”, “Linguagem teatral” e “Linguagem expressiva”. Foi utilizado para tanto o Google Acadêmico e o CAPES/MEC como base de dados disponíveis no meio eletrônico. Os artigos foram selecionados a partir da relevância dos mesmos para a pesquisa e pelo interesse do autor, totalizando 68 artigos, teses, livros, periódicos, entre outros.

A seleção foi realizada após leitura criteriosa dos resumos das teses, artigos, periódicos e etc. A leitura somente do resumo se deu pelo fato de que, em sua maioria, foram encontradas muitas obras em cada delineamento. Sendo selecionada somente a literatura que atendia aos critérios de inclusão definidos neste estudo. O esforço se pautou em explorar as formas de inclusão do conteúdo teatral e suas potencialidades no âmbito escolar.

No terceiro capítulo dessa monografia, foi utilizada a técnica da análise documental, que, para Carmo e Ferreira (1998) é um processo que envolve seleção, tratamento e interpretação da informação existente em documentos (escrito, áudio ou vídeo) com o objetivo de extrair algum sentido. No caso do capítulo citado, essa técnica de análise foi utilizada para analisar um relatório de estágio, com o intuito de mostrar como foi feita a inserção do conteúdo teatral na escola e como ele foi trabalhado.

Para tentar construir um entendimento sobre as questões levantadas, essa monografia foi organizada da seguinte forma: No primeiro capítulo, intitulado como “A escola e as diferentes linguagens – o teatro em questão”, neste apresento o papel da escola na sociedade e sua contribuição para a construção de um cidadão crítico, tomando o teatro como possibilidade de contribuir para essa construção.

No segundo capítulo, “O conteúdo teatral na Educação Física”, examino as perspectivas e legislações que envolvem o teatro e a Educação Física, buscando compreender a prática pedagógica dos mesmos na perspectiva da cultura corporal.

No terceiro capítulo, “A linguagem teatral entrando em cena”, através de uma análise documental, apresento e analiso informações retiradas do meu relatório de estágio, onde utilizei o Teatro como tema principal das aulas, mostrando como o conteúdo teatral foi colocado em prática, por meio da metodologia de Reiner Hildebrandt-Stramann, "Aulas abertas a experiências".

## 2 A ESCOLA E AS DIFERENTES LINGUAGENS – O TEATRO EM QUESTÃO

No presente capítulo será abordado o papel da escola na sociedade e sua contribuição para a construção de um cidadão crítico, tomando o teatro como possibilidade de contribuir para essa construção. Destaca-se ainda, a importância do teatro nas escolas, listando as potencialidades que este conteúdo-arte desenvolve.

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL – LDB, 1996, p. 8).

Na citação acima, concordo em parte, pois não acredito que o papel da escola esteja em qualificar o ser para o trabalho, pois ela auxilia na formação integral do homem, ela deverá se unir as demais instituições sociais e, juntas, buscar as necessidades e expectativas do indivíduo, agindo para que os sonhos dos aprendizes se tornem realidade. É importante também que esses sonhos sejam encaminhados para o campo da coletividade, fazendo-se entender que o sonho sonhado por todos torna-se forte, realizável.

Para Libâneo (1989), a atuação da escola consiste na preparação intelectual e moral dos alunos para assumir seu papel na sociedade. O compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade. O caminho cultural em direção ao saber é o mesmo para todos os alunos, desde que se esforcem.

Consta na Lei de Diretrizes e Bases (1996) que o ensino será ministrado com base em alguns princípios, dentre eles, estão o de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, de liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber e, também, respeito à liberdade, apreço à tolerância e consideração com a diversidade étnico-racial.

Segundo Krasilchik e Marandino (2007), formar um cidadão crítico é alfabetizá-lo cientificamente, é formar sua própria opinião e expressar suas idéias, é propor atividades ao aluno de forma a ensinar a exercer a cidadania de forma crítica. É necessário que o aluno tenha o conhecimento como algo bom em sua vida. Para isso, é importante formar alunos críticos, porém, isso só é possível a partir do momento em que as atividades desenvolvidas em sala de aula sejam



de forma que ele reflita, discuta, argumente, investigue, que tenha o prazer nas realizações dessas atividades relacionando com o cotidiano.

Essa afirmação nos remete à importância das práticas escolares que não estão explicitadas nos currículos formais; são ideias e ações que traduzem princípios e valores sobre os quais a escola se organiza e atua. Temos então, o seu papel formativo posto em destaque através de práticas que visam desenvolver disposições e atitudes abertas a outros contextos.

Para Klein e Pátaro (2006), a escola, enquanto instituição social deve ser democrática, tanto em suas práticas, quanto em seu acesso. Assim, não pode haver democratização do ensino sem esforços sistemáticos para o acesso e a permanência de todos na escola.

Esta concepção ampla de acesso defronta-nos com a questão do fracasso escolar e da exclusão que o mesmo gera. A escola pretendida deve atuar no sentido da transformação visando à inclusão social e o enfrentamento do fracasso escolar, ou seja, não se pode ter uma escola democrática sem que os alunos e alunas tenham de fato acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade (KLEIN; PÁTARO, 2008).

Deparamo-nos, aqui, com dois grandes desafios: que os conteúdos selecionados pela escola permitam aos alunos e às alunas de diferentes origens, classes sociais, religiões, culturas, identificarem-se e envolverem-se com as matérias curriculares; e, contemplar a diversidade num contexto globalizado através de um processo centrado na aprendizagem significativa. Em ambos os casos visa-se, para além da construção de conteúdos, a construção de valores democráticos (KLEIN; PÁTARO, 2008, p. 4).

O acesso reivindicado não é apenas de frequentar uma escola, mas sim o acesso aos bens culturais da sociedade: conhecimentos, linguagens, expressões artísticas, práticas sociais e morais. Dentre os bens culturais citados acima, evidencio a linguagem que, para Zanchetta Jr. e Barbosa (2010) é um conjunto de signos devidamente estruturados para o propósito da comunicação. Assim, linguagem não se limita ao aspecto verbal, compreendendo também outros campos, como o da imagem, do som, do tato etc.

Desta maneira, precisamos dentre as linguagens artísticas, conhecer e experimentar materiais, instrumentos e procedimentos de modo a utilizar cada arte e desenvolver competência estética e artística para apreciar, julgar e valorizar os bens artísticos de diferentes culturas produzidas pelo homem (BRASIL, 1997).

Dentre estas linguagens, cada qual possui seus conteúdos próprios a serem trabalhados pedagogicamente em artes, como: nas Artes Visuais a observação e a análise das formas (relações entre ponto, linha, palavras, cor, textura, forma, volume) são elementos básicos da linguagem visual, uma condição de expressão e comunicação pelas imagens (desenho, pintura, modelagem, fotografia, televisão, cinema, informática); a Dança pelo

reconhecimento do corpo na sua constituição (pele, músculos, sentidos) e seu movimento (estrutura, gestos, proteção), linguagem esta que permite ao corpo o deslocamento, velocidade, ritmo, equilíbrio, seleção, sequência e organização de movimentos; em Música na utilização de seus elementos da linguagem musical na utilização e elaboração das notas musicais, materiais e instrumentos musicais e por meio da voz; o Teatro na exploração de competências corporais e criação dramática, elementos da linguagem dramática e articulação das expressões corporal, plástica e sonora. Todas estas linguagens formam um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos da aprendizagem artística, necessários à criação de significações e transformação do ser humano (FARIA, 2014, p. 36).

As linguagens expressivas advindas das artes estão presentes no cotidiano da criança, pois quando esta canta, dança, rabisca no chão, risca a areia, forma objetos com diversos materiais que encontra, ou mesmo ao usar seu próprio corpo, está fazendo arte (FARIA, 2014).

As linguagens expressivas são formas de comunicação que servem para auxiliar o que as palavras dizem e, portanto, não devem ser tratadas como simples entretenimento, mas como uma área do conhecimento, com conteúdos próprios, que precisam ser aprendidos para que nos tornemos sujeitos expressivos.

Dentro da linguagem expressiva, temos a linguagem teatral, que pode ser incluída nas aulas. E, para Amaral (2011), são diversos os princípios que amparam essa inserção no contexto escolar, e, à medida que forem entendidos pelo professor, a linguagem teatral (artes cênicas) pode estar garantida dentro da estrutura disciplinar da escola. A linguagem teatral como unificadora de múltiplos e diferentes elementos que, colocados em ação ocasionará um crescimento global e harmonioso.

Para Hauer (2005) a linguagem teatral, pode contribuir para que os alunos adquiram conteúdos. Para tanto, espera-se que realmente os alunos, ao empreenderem suas atividades com arte, tendo em vista o aprendizado dos conteúdos, possam realmente “fazer arte” utilizando técnicas e procedimentos especificamente teatrais.

O escritor, ator e diretor teatral brasileiro, (Amaral apud Peixoto, 1980) diz que, “nas artes cênicas se desenvolve uma série de hábitos e atitudes, tais como concentração, autenticidade, relaxação, confiança, poder de crítica e de diálogo”.

Atitudes estas que irão influenciar nos seus comportamentos, à medida que o aluno vivencia os mais diversos modos de comportamento humano: chora, ri, luta, agride, indaga e descobre uma série de valores.

Aquer, Pinto e Luz (2015) dizem que, o teatro na escola proporciona um crescimento integrado da criança sob vários aspectos, tais como, despertar o interesse, disseminar informações

e popularizar, de forma lúdica, conhecimentos científicos. O teatro contribui para a elaboração pessoal e para a integração da criança.

Muitos fatores dificultam a implementação da linguagem teatral nas escolas. Segundo Carreira (2006), um dos grandes problemas decorrentes, por exemplo, é a carência de materiais sobre a metodologia de ensino e sobre a metodologia de pesquisa, ou seja, faltam informações e pesquisas sobre o tema, faltam professores capazes de trabalhar com o teatro nas escolas.

Almeida Junior (2013) indica ainda mais quatro problemas nessa inserção, a primeira delas, relaciona-se à formação do docente para ministrar estes conteúdos artísticos. A segunda dificuldade seria a compreensão de quais são os objetivos específicos do ensino da linguagem teatral, tais como, imitar gestos e expressões faciais, proporcionar situações de jogos dramáticos de livre escolha favorecendo a expressão, a criação e incentivar a superação de barreiras, como timidez, medo, fobias, por meio do teatro. A terceira está na distribuição ao longo da formação do aluno, na matriz curricular, da disciplina na qual essa linguagem seria inserida, para que os objetivos propostos sejam atendidos. E, a quarta dificuldade são as condições materiais e espaciais para a realização adequada do ensino dessa linguagem teatral na escola.

Dentro da escola, o teatro pode ser usado para desenvolver certas potencialidades das crianças e as preparar para a vida, participando de práticas educativas da qual fazem parte.

Segundo Amaral (2011), o saber ver, conviver e apreciar, discutir, e fazer juízo de valores deve ser potencializado na experiência artística escolar. Assim, o teatro pode propiciar experiências que contribuem para o crescimento global da criança em relação à experimentação artística.

A utilização de técnicas de desinibição, de improvisação, de trabalho em equipe, é fundamental nesse caso, pois o professor ao utilizar dessas técnicas no teatro com suas crianças estará oferecendo momentos de interação, até mesmo para brincar de faz-de-conta.

Essas técnicas podem ser utilizadas desde a infância, já que criança vivencia o companheirismo e a coletividade como um processo de socialização para a vida toda, assim, estabelecendo laços de amizade, e, quando compartilha com outro uma atividade lúdica e criativa no teatro, baseada na experimentação e compreensão, esta age como estimulante para a aprendizagem (AMARAL, 2011).

O teatro pode estimular o crescimento do aluno, tanto no nível coletivo, citado acima, quanto no nível individual, neste, haveria o desenvolvimento das capacidades expressivas e artísticas da criança. (SILVA, 2007 p. 97).

No geral, o teatro traz muitas contribuições para o ser. Aquer, Pinto e Luz (2015), dizem, que podemos afirmar que a arte de representar no ambiente escolar traz resultados muito agradáveis na aprendizagem e relações humanas, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

A prática do teatro na educação infantil é uma atividade pedagógica relevante para o desenvolvimento cultural das crianças. Sua essência educativa residiria na criação de uma nova relação social da pessoa com o meio cultural no qual ela se encontra e com o qual busca se relacionar ativamente (AQUER; PINTO; LUZ, 2015).

A educação através do teatro infantil, geralmente, enfatiza os seguintes aspectos pedagógicos:

[...] Fortalece a vontade e a consciência de brincar aprendendo; O agir “como se” ajuda na constituição e diferenciação dos planos da realidade e da imaginação; O valor e o sentido das relações sociais e dos papéis culturalmente enredados por elas podem ser melhor compreendidos através da arte de representar; Há avanços no entendimento da estrutura e funcionamento dos processos de comunicação e interação (AQUER; PINTO; LUZ, 2015, p.5).

As habilidades que afloram nas crianças são várias e as oportunidades de se trabalhar o desenvolvimento das mesmas devem ser contempladas pela escola. Ao observar uma criança, em suas primeiras manifestações dramatizadas, o jogo simbólico (faz-de-conta), percebe-se a procura na organização de seu conhecimento de mundo de forma integrada.

Segundo Vygotsky (1984), esse jogo simbólico mostra, com rara habilidade, como a palavra se organiza na criança. “No começo, o significado está subordinado ao objeto; depois, o objeto subordina-se ao significado. No brinquedo, a criança opera com significados desligados dos objetos e ações aos quais estão habitualmente vinculados”.

Cartaxo (2001) associa o jogo dramático ao jogo simbólico, e mais concretamente ao jogo de regras. O fato de o jogo dramático fazer parte do universo infantil é o que justifica o fato do professor de arte dever trabalhá-lo enquanto conteúdo programático. Em função dessa associação, este autor nos diz que:

[...] para uma criança entender questões como conflitos sociais, diferenças de classes, o que levou à independência de um povo, etc. torna-se muito mais fácil através do jogo dramático, pois a improvisação de uma simples cena, ação ou o uso de um adereço ou

uma roupa, torna muito mais compreensível e claro o que um professor levaria horas para se fazer entender (CARTAXO, 2001, p. 56).

O jogo dramático tem um papel facilitador, Cartaxo (2001, p.64) afirma que “o fazer teatral é uma prática milenar que sempre foi adotada na escola. Em alguns casos é trabalhado como atividade cultural. Em outros, com menor frequência, como recurso pedagógico”.

Para Reverbel (1998), o teatro contribui para a formação de cidadãos que respeitam o próximo, adquire disciplina, amplia conhecimentos de mundo, engajado com as crianças desde cedo, de forma quantitativa e qualitativamente amplia suas habilidades. Reverbel (1998) acredita ainda, que a criança se expressa sobre como vê e pensa o mundo, ou seja, quando se brinca, pode-se criar uma situação imaginária a partir de vivências e de trocas vividas naquele contexto.

É aí então que o educador entra em cena, dando oportunidades para a criança representar, atuar e trabalhar os aspectos cognitivo, afetivo, psicológico e motor. As crianças escolhem brincadeiras ligadas ao seu meio, temas que aparecem no seu cotidiano.

Olga Reverbel (1989) afirma que a criança aprende atuando, e, enfatiza que o professor deve proporcionar estes momentos de atuação.

Sendo assim, o teatro possibilita à criança explorar mais a fundo o mundo imaginário mais desejável, além de descobrir outros mundos. Ao brincar, ela pode resolver problemas do presente, do passado e os que se projetam para o futuro, revela necessidades e estabelece um canal de comunicação com o mundo adulto (AQUER; PINTO; LUZ, 2015).

Podemos considerar o teatro como parte do processo interativo - que não deixa de ser uma ação cênica ou corporal na perspectiva de renovação metodológica para os educadores, que estão dia a dia com as crianças (AQUER; PINTO; LUZ, 2015).

O sentido e a importância que a criança dará ao fazer teatral dependerão do maior ou menor contato e da qualidade deste contato com a linguagem teatral. A cultura à qual se está exposto, estabelece a formação do olhar do indivíduo para as interpretações das situações, manifestações e relações que ocorrem ao seu redor.

A arte pode ser um meio de questionar os padrões impostos pela sociedade, desde que o professor esteja consciente da maneira como lida com esse universo, e, desde que o professor esteja aberto ao diálogo com as realidades com as quais está trabalhando e se interesse em compreender a prática que está realizando (PEREIRA, 2011).

Para Pereira (2011), o professor que se propõe a trabalhar com a linguagem teatral poderia auxiliar a criança no processo de construção de um “espaço” onde as potencialidades possam ser realizadas, espaço esse, no sentido não literal, e, ao mesmo tempo, perceber em que estado se encontra esse “espaço” em si mesmo (professor).

Acredito que um conhecimento só pode ser compartilhado com outro alguém quando ele está presente no corpo de quem o propõe, quando tem significado para quem o ministra.

Pela prática da linguagem teatral é possível reinventar as relações, pode abrir portas e romper barreiras. Porém, isso só pode ser feito com diálogo e ações de respeito, reconhecimento e valorização do diferente, estimulado por quem conduz.

Sua inclusão poderá aproximar os diferentes, colocá-los frente a frente, permitir que se toquem, se sintam. Mas isso não é uma tarefa fácil. O teatro em si não causará nenhum desses efeitos se sua prática não for efetiva e trabalhada durante o ano letivo, em cada escola e em cada aluno, de forma individual e coletiva, com metodologias concretas e eficazes, e que o profissional que se proponha a trabalhar com o teatro nas escolas esteja preparado, com embasamento teórico e prático, sendo capaz de desenvolver/ alimentar as potencialidades que o teatro proporciona em seus praticantes.

E para isso, é necessário que o professor estude mais, busque alternativas, converse com seus alunos, tenha experiência com a linguagem teatral, não só experiência em ministrar aula, mas também, que tenha tido experiência prática da mesma e acima de tudo que goste/ ame o que faz, consciente de quem está ensinando e com muita responsabilidade.

## 2.1 O CONTEÚDO TEATRAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Esse capítulo será embasado em perspectivas envolvendo o Teatro e a Educação Física, como o Coletivo de Autores (1992), e nos documentos da legislação, como os Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física, Lei de Diretrizes e Bases, entre outros. Mostrando as possibilidades da Educação Física e seus fundamentos, conteúdos, objetivos e área de atuação. Assim como a legitimação do conteúdo teatral em suas aulas.

A Educação Física tem seus fundamentos nas concepções de corpo e movimento, ou seja, a natureza do trabalho desenvolvido nessa área tem relação com a compreensão que se tem desses dois conceitos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física, a análise crítica aponta a necessidade de que, além daqueles (corpo e movimento), se considere também as dimensões cultural, social, política e afetiva, presentes no corpo vivo, isto é, no corpo das pessoas, que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e como cidadãos (BRASIL, 1997).

Buscando uma compreensão que melhor contemple a complexidade de se considerar essas outras dimensões, os Parâmetros Curriculares Nacionais considera que o corpo se relaciona dentro de um contexto sociocultural e que os conteúdos da Educação Física sejam abordados como expressão de produções culturais, como conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos. Portanto, a presente proposta entende a Educação Física como uma cultura corporal.

Assim, a área de Educação Física hoje contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. Entre eles, se consideram fundamentais as atividades culturais de movimento com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde (BRASIL, PCN – EDUCAÇÃO FÍSICA, 1997).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) considera a Educação Física como um componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos e patrimônio cultural da humanidade. Nessa concepção, o movimento humano está sempre

inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção (BRASIL, 2016).

O Coletivo de Autores (1992) dizem que a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.

“A Educação Física permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais. Suas atividades culturais compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado, além disso, esse conhecimento contribui para a adoção de uma postura não preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais e às pessoas que dele fazem parte” (BRASIL, PCN – EDUCAÇÃO FÍSICA, 1997, p. 24).

[...] a concepção de cultura corporal amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomando seus conteúdos e as capacidades que se propõe a desenvolver como produtos socioculturais. Além disso, adota uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos. O trabalho de Educação Física abre espaço para que se aprofundem discussões importantes sobre aspectos éticos e sociais, alguns dos quais merecem destaque (BRASIL, 1997, p. 28).

A prática da Educação Física na escola poderá favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais.

O Coletivo de Autores (1992) contribuem para a compreensão da prática pedagógica da Educação Física na perspectiva da cultura corporal ao afirmarem que a condição do componente no currículo escolar deve tematizar as formas de atividades expressivas corporais, proporcionando uma reflexão pedagógica sobre o acervo das formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal “que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas”.



Ainda para o Coletivo de Autores (1992), a expectativa da Educação Física escolar, que tem como objeto a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos.

Um ensino da Educação Física pautado nos pressupostos da cultura corporal visa proporcionar aos sujeitos a oportunidade de conhecer os sistemas de significado de cada cultura (diversidade) por meio das manifestações corporais.

É possível que a linguagem teatral, ao ser tratada nas aulas de Educação Física, contribua com essas questões, no sentido de que os alunos, têm a oportunidade de serem mais tolerantes e compreensivos com as diferenças, pois através das linguagens teatrais, surgem diversas situações onde relações interpessoais possam ser discutidas/ trabalhadas. Isso se o professor conseguir discutir essas situações de maneira educativa, através do diálogo e respeito mútuo.

É necessário adotar uma postura dialógica baseada na vida pessoal de cada um, buscando compreender as complexidades e os saberes uns dos outros. Considerando que é impossível obter sucesso nas relações de convivência e no ambiente escolar se o professor e demais participantes não tentarem de forma ousada e permanente uma busca de excelência e de relações saudáveis no convívio escolar, bem como na vida social em geral, pois no convívio em geral, também se dá a proximidade e a empatia (SILVA; PAULA; OLIVEIRA, 2015).

Ainda segundo as autoras, cabe ao professor a função de trabalhar com os conflitos e as diversidades de personalidades, vez que cada indivíduo traz para o convívio social e escolar suas peculiaridades e culturas, então o professor deve estar preparado para buscar alternativas que atenda o interesse de todos e, estabelecer um convívio de harmonia e conscientização em prol de uma educação de qualidade (SILVA; PAULA; OLIVEIRA, 2015).

Toda escola deve ter como prioridade a formação de todos os seus profissionais, onde todos sejam mobilizados a aperfeiçoarem suas competências, melhorarem a eficiências de seus trabalhos, pois a escola deve ser um ambiente de aprendizagem não só para os alunos, mas para educadores e demais profissionais. Para que se tenha uma participação efetiva no ambiente escolar, é preciso que todos tenham consciência de sua importância, e principalmente que todos tenham a serenidade de estabelecer diálogos no intuito de aperfeiçoar suas atividades, lembrando que a verdadeira relação interpessoal esta ligada nos problemas extraescolar e intra-escolar, ou seja, um indivíduo deve ser compreendido

levando em consideração sua vida dentro e fora do ambiente escolar (SILVA; PAULA; OLIVEIRA, 2015, p.5).

Gradualmente, ao longo do processo de aprendizagem, a criança concebe as práticas culturais de movimento como instrumentos para o conhecimento e a expressão de sensações, sentimentos e emoções individuais nas relações com o outro (BRASIL, PCN – EDUCAÇÃO FÍSICA, 1997, p. 30).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física, espera-se que os alunos saiam do Ensino Fundamental capazes de:

(1) Participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas, construtivas, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais; (2) Adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações lúdicas e esportivas, repudiando qualquer espécie de violência; (3) Conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais; (4) Reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de recuperação, manutenção e melhoria da saúde coletiva; (5) Solucionar problemas de ordem corporal, regulando e dosando o esforço em um nível compatível com as possibilidades, considerando que o aperfeiçoamento e o desenvolvimento das competências corporais decorrem de perseverança e regularidade e devem ocorrer de modo saudável e equilibrado; (6) Reconhecer condições de trabalho que comprometam os processos de crescimento e desenvolvimento, não as aceitando para si nem para os outros, reivindicando condições de vida dignas; (7) Conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e estética corporal que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia e evitando o consumismo e o preconceito; (8) Conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade básica do ser humano e um direito do cidadão (BRASIL, PCN – EDUCAÇÃO FÍSICA, 1997, p.5).

O uso do teatro enquanto recurso didático permite a compreensão de sentimentos e, como consequência, a compreensão de si mesmo, o que faz do teatro um instrumento indispensável ao processo educativo, cuja linguagem desperta, provoca, sensibiliza e educa a quem vivencia e a quem assiste, possibilitando assim, a formação de um homem novo, capaz de contribuir na construção de uma sociedade justa, fraterna e igualitária. (CARTAXO, 2001).

As colocações feitas por Cartaxo (2001) nos mostram, de certa forma, como a linguagem teatral auxiliaria no cumprimento de alguns dos objetivos citados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física (BRASIL, 1997).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física dividem os conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, em três blocos: “Esportes,

jogos, lutas e ginásticas”, “Atividades rítmicas e expressivas” e “Conhecimento sobre o corpo”. Blocos esses que podem e devem relacionar-se, pois não se trata de uma estrutura estática ou inflexível. Os blocos articulam-se entre si, têm conteúdos em comum, mas guardam especificidades.

O teatro se encaixa principalmente no bloco “Atividades rítmicas e expressivas”, pois segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física (1997), esse bloco inclui as manifestações da cultura corporal que têm como características comuns a intenção de expressão e comunicação mediante gestos.

Como dito anteriormente, por não se tratar de uma estrutura estática, os blocos se relacionam entre si, no caso do teatro, também se insere no bloco do “Conhecimento sobre o corpo”, por ser um conteúdo que propicia a reflexão interna, o autoconhecimento, o toque, movimentação, imitação de voz e etc.

Para Botan (2012), as práticas pedagógicas da Educação Física deveriam ser norteadas por valores como autoestima, autoconhecimento, participação, reflexão, criticidade, consciência corporal, entre outros, que pudessem levar as pessoas a pensarem sobre o corpo como um único, da infância ao envelhecimento, numa discussão com a sua história e seu processo de desenvolvimento enquanto cidadãos, que vivem de uma forma intensa todas as fases de sua vida, reconhecendo os sinais de seu corpo, suas potencialidades, entendendo e compreendendo o mundo através dele como veículo de ligação entre o eu, o outro e o meio em que estamos inseridos.

O ensino e a prática do teatro podem auxiliar a Educação Física com esses valores, pois inclui uma série de vantagens, como: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão corporal, a imitação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, ajuda os alunos a desinibirem-se e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento.

Além de que, na formação sensível do professor de Educação Física, a linguagem teatral pode contribuir para uma melhor compreensão do corpo, no sentido de um autoconhecimento, e, trazer um melhor entendimento e relacionamento com o outro. Dessa forma, tanto o teatro, pela

dependência ou necessidade do outro, quanto a Educação Física, necessitam de tais compreensões.

Nascimento e Krug (2015) afirmam que apresentar a arte como recurso sensível na formação de professores de Educação Física pode ter como direção a instauração de um novo perfil de profissional que se almeja: crítico, reflexivo, sensível ao poder que as artes têm em oportunizar a reflexão e impulsionar pequenas transformações.

Pensar na inclusão do teatro na formação dos professores de Educação Física significa romper com práticas que desencorajam a criatividade vinda de uma postura tradicional de ensino-aprendizagem. O Teatro como aliado às aulas para a formação de professores, tem sido capaz de fomentar nos estudantes habilidades que extrapolam o fato de conhecer conceitos científicos, teorias e as teorias metodológicas para implementá-los (NASCIMENTO; KRUG, 2015).

Ao pensarmos nessa relação entre Educação Física e Artes, relacionando-se através da abordagem cultural e corporal, percebemos um caráter estético e cultural, que podem proporcionar aos alunos e alunas um aumento do repertório cultural, valorizando as abordagens por eles trazidas, proporcionando um contato cada vez maior com as linguagens do corpo e das artes, uma vez que tais elementos, também presentes em diferentes e diversas culturas, podem ser interpretados, apropriados, criados, recriados, refletidos e contestados, contribuindo a uma formação crítica dos sujeitos envolvidos.

## 2.2 A LINGUAGEM TEATRAL ENTRANDO EM CENA

Nesse capítulo, será feita uma análise documental de um relatório de estágio realizado pelos autores Isaac Nunes e Rosane Scherer, realizado no ano de 2016, em Florianópolis, na disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física I, com o tema “Expressão corporal através de jogos teatrais”, utilizando a linguagem teatral como conteúdo nas aulas de Educação Física.

O estágio foi realizado na Escola de Educação Básica Getúlio Vargas, localizada no Saco dos Limões em Florianópolis, SC. Os alunos, na sua maioria são moradores do próprio bairro e bairros vizinhos, como Caieira do Saco dos Limões, Morro da Perla, Morro da Queimada, porém a escola possui alunos que são de bairros do sul da ilha, como Campeche, Armação, Costeira, Tapera e Carianos. Ocorreu de março a junho de 2016 com uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, uma turma muito boa, prestativa, comunicativa, empenhada e inteligente, características essas que poderiam facilitar na aceitação do tema proposto, a linguagem teatral.

O teatro parece ser uma linguagem ainda pouco explorada em sua potencialidade dentro da escola. Várias técnicas e metodologias podem ser citadas, no entanto, esse conhecimento, em geral, somente pode ser adquirido fora dos muros escolares.

Um exemplo dessas técnicas e metodologias é a contação de história, que é um valioso auxiliar na prática pedagógica de professores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. As narrativas estimulam a criatividade e a imaginação, a oralidade, facilitam o aprendizado, desenvolvem as linguagens oral, escrita e visual, incentivam o prazer pela leitura, promovem o movimento global e fino, trabalha o senso crítico, as brincadeiras de faz-de-conta, valores e conceitos, colaboram na formação da personalidade da criança, propiciam o envolvimento social e afetivo e exploram a cultura e a diversidade (SOUZA; BERNARDINO; 2011).

Ainda para Souza e Bernardino (2011), a contação de histórias é uma estratégia pedagógica que pode favorecer de maneira significativa a prática docente na educação infantil e ensino fundamental, pois estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades

cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil.

Acrescento ainda, que essa técnica facilita para o professor conseguir a atenção das crianças, pois faz com que não se distanciem tanto da sua essência, a criança “cria” um mundo para elas, um mundo onde elas podem fazer e ser o que quiserem, sem grandes preocupações, o que é frequente apresentado em histórias. Assim, essa técnica auxilia no processo de ensino aprendizagem.

A ludicidade com jogos, danças, brincadeiras e contação de histórias no processo de ensino e aprendizagem desenvolvem a responsabilidade e a autoexpressão, assim a criança sente-se estimulada e, sem perceber desenvolve e constrói seu conhecimento sobre o mundo. Em meio ao prazer, à maravilha e ao divertimento que as narrativas criam, vários tipos de aprendizagem acontecem (SOUZA; BERNARDINO; 2011).

Aspectos devem ser considerados para o sucesso da contação de histórias em sala de aula. Como espaço físico adequado, expressões e gestos utilizados pelo professor/contador, de forma a imitar os personagens; o ambiente deve ser harmonioso e aconchegante, sem distrações externas, com crianças agrupadas, a preparação de um baú ou prateleiras com livros infantis, um tapete de feltro colorido com recortes dos personagens das histórias, um avental com velcro onde os personagens possam ser fixados, fantoches ou dedoches, os fantoches de vara, de mão e de dedo são excelentes recursos para contar histórias aos pequenos, além disso, são estimuladores da imaginação e da linguagem, facilitando a concretização das fantasias e a expressão dos sentimentos (SOUZA; BERNARDINO; 2011).

Outra metodologia ou técnica é a mimica, que possibilita ao aluno trabalhar o movimento, as expressões faciais e corporais que segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) são muito importantes para o desenvolvimento motor da criança, pois possibilita o conhecimento do corpo e das capacidades que ele tem.

As mímicas faciais e gestos possuem um papel importante na expressão de sentimentos e em sua comunicação. “É importante que a criança conheça suas próprias capacidades expressivas e aprenda progressivamente a identificar as expressões dos outros, ampliando sua comunicação. Brincar de fazer caretas ou de imitar bichos propicia a descoberta das possibilidades expressivas de si próprio e dos outros” (RCNEI, 1998, p.31).

Essas mímicas faciais são muito frequentes no universo das crianças, que são, no geral, extremamente expressivas, fazem caretas e facetas para tudo e todos, e, isso ocorre sem que elas percebam que estão fazendo, ou por ser algo já automatizado, puro e inerente deles.

A mímica pode contribuir para a improvisação, entrando assim, nos jogos de improviso, que é outra metodologia ou técnica teatral, esses jogos representam uma das possibilidades inovadoras de ação corporal na educação, possuindo regras que oportunizam a criação de exercícios dramáticos, com características de improvisação e ativando os elementos referentes à atenção/concentração (CHACRA, 2007).

O princípio do jogo de improviso, é a comunicação que surge a partir da criatividade e espontaneidade das ações entre os jogadores, os quais se encontram engajados na solução cênica de um problema de atuação. A criatividade também se faz presente como característica do jogo de improviso, em que, sendo que não se trata apenas da capacidade de construir ou fazer algo inédito, ou dar apenas uma variação de forma (SPOLIN, 2008a).

A improvisação permite a exploração e experimentação de um corpo que joga em ações improvisadas, resultando na participação lúdica dos jogadores. Experimentar é penetrar no ambiente e envolver-se total e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo (SPOLIN, 1999).

De acordo com Koudela (2011), por meio do desenvolvimento desse tipo de jogo, o jogador desenvolve liberdade pessoal dentro do limite das regras estabelecidas e cria técnicas e habilidades necessárias para a resolução de um problema.

Na medida em que a inteligência da criança se desenvolve, o processo de representação é interiorizado. Ao guiar as crianças para a improvisação, imitando, representando ações e oferecendo oportunidades de espaços para a ocorrência do processo criativo, seu desenvolvimento intelectual é favorecido, orientando-as para a prática de uma fusão de jogos simbólicos e de regras.

Para a realização do estágio foi utilizada a metodologia de Reiner Hildebrandt-Stramann (1986), "Aulas abertas a experiências", que busca fazer:

[...] com que o aluno desenvolva sua autoafirmação utilizando o ambiente como a principal ferramenta da execução de movimentos, fugindo do modelo tecnicista desenvolvido nas atividades de Educação Física Escolar. Nessas aulas, o professor abandona seu monopólio absoluto do planejamento e da decisão e oferece aos alunos espaços substanciais de ação e decisão. Nas aulas, os alunos podem apresentar suas imagens, ideias e interesses, com respeito ao movimento, jogos e esporte, para participar

na decisão sobre o planejamento e realização da aula (apud NUNES; SCHERER, 2016, p. 16).

Essa metodologia trabalha com a perspectiva de que a aula de Educação Física pode ser analisada em termos de um contínuo, que vai de uma concepção fechada a uma concepção aberta de ensino, e considerando que a concepção fechada inibe a formação de um sujeito autônomo e crítico, essa proposta indica a abertura das aulas no sentido de se conseguir a coparticipação dos alunos nas decisões didáticas que configuram as aulas (BRACHT, 1999).

No caso da experiência de estágio docente, as aulas eram planejadas e ministradas através de conversas com as crianças, levantando assim, suas preferências e negociando alterações durante as aulas. Para que isso ocorresse de maneira organizada, nos reuníamos sempre com a turma no início e no final de cada aula, expondo para as crianças o que seria trabalhado no dia, se estavam de acordo, e, ao final da aula, perguntávamos o que elas mais gostaram e o que menos gostaram da mesma. Então, após o exposto pelas crianças sobre as atividades do dia, discutíamos o plano de aula da intervenção seguinte, levando o exposto em consideração, buscando assim, fazer com que as crianças façam parte do processo criativo das aulas.

Durante as aulas ministradas, estávamos sempre atentos com o comportamento da turma e, ao ocorrer, em nossa visão, qualquer comportamento indesejado, como agressões, xingamentos, preconceitos ou outra ação que prejudicasse propositalmente um colega, nós parávamos imediatamente a aula para conversar com o aluno responsável pelo ato. Explicávamos que não era certo o que ele estava fazendo e fazíamos com que pedisse desculpas para o colega, para que então, pudéssemos voltar ao planejamento da aula.

A escolha por esse tema durante o estágio se deu pelos mesmos motivos da justificativa desta monografia. Além de que a escola não tinha muitas opções de locais para uma aula de Educação Física adequada, já que só tem um ginásio, que era utilizado pelas turmas do Ensino Médio, restando somente o parquinho e o areão, que é uma área em frente às salas de aula dos anos iniciais (do 1º ao 3º ano) para a prática das aulas de Educação Física.

A escola até tinha um auditório adequado para a realização das aulas de teatro, porém, o mesmo era muito procurado pelos professores, com a intenção de passar vídeos para as crianças. Portanto, foi necessário adequar o ambiente, a fim de atender as demandas da ação, como o afastamento das carteiras, colocando-as para frente e, então usasse a parte do final da sala de aula,



o que ainda assim, não era um espaço muito amplo. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN-Arte explicam o papel da escola no fazer artístico teatral:

Compete à escola oferecer um espaço para a realização dessa atividade, um espaço mais livre e flexível para que a criança possa ordenar-se de acordo com a sua criação. Deve-se ainda oferecer material básico, embora os alunos geralmente se empenhem em pesquisar e coletar materiais adequados para as suas encenações (BRASIL, 1997, p. 85).

Essa falta de estrutura da escola, junto da percepção dos autores sobre as potencialidades inerentes na prática teatral presentes na turma escolhida, como por exemplo, havia crianças extrovertidas, criativas e expressivas. A turma, em sua maioria, era bem unida e participativa, porém também havia crianças tímidas, com alguns preconceitos referentes ao gênero e teimosas.

Só esses fatores, já seriam suficientes para que nós, estagiários no momento, escolhêssemos o conteúdo teatral como tema norteador do Estágio, já que poderíamos trabalhar em cima dessas potencialidades e desafios. Mas o que fez com que “batêssemos o martelo” foi a condição em que todos da turma tinham em comum, o fator cultural, social e afetivo das crianças, por serem todas carentes financeiramente e afetivamente. Na época, poderiam não ter a oportunidade de vivenciar o conteúdo teatral, informações essas descobertas por nós, através de conversas com as mesmas, onde perguntávamos como era o convívio deles com a família, onde moravam, com quem moravam, entre outras perguntas.

O projeto de intervenção teve como objetivo principal desenvolver experiências de movimento, fazendo com que os alunos, construíssem junto uma maneira de chegar ao objetivo estipulado. Ainda objetivou desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes, proporcionando evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal), capacitando-os para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações). Buscou também fortalecer as relações entre os integrantes do grupo, construindo o espírito de equipe, bem como, promover vivências e experiências que enaltescessem as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento à classe.

Em nossa perspectiva, os objetivos foram alcançados através das atividades ministradas, pois eram atividades que buscavam fazer com que as crianças experimentassem novos movimentos ou que aprimorassem os presentes em sua cultura corporal. Essas atividades buscavam também a interação entre as crianças, fazendo com que fortalecessem o laço da turma.

Também fizemos jogos teatrais, com a intenção de proporcionar a evolução e o autoconhecimento das habilidades expressivas das crianças.

Além de utilizar a expressão corporal e os jogos teatrais, fizemos o uso da metodologia do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1991), que consiste em quatro etapas de ensino: a primeira etapa seria o “Conhecimento do corpo”, sequencia de exercícios em que se começa a conhecer o próprio corpo, suas limitações e suas possibilidades, suas deformações sociais e suas possibilidades de recuperação; segunda etapa seria “Tornar o corpo expressivo”, sequencia de jogos em que cada pessoa começa a se expressar unicamente através do corpo, abandonando outras formas de expressão mais usuais e cotidianas; terceira etapa seria o “Teatro como linguagem”, onde se começa a praticar o teatro como linguagem viva e presente, e não como produto acabado que mostra imagens do passado; quarta etapa seria do “Teatro como discurso”, onde o espectador-ator apresenta o espetáculo segundo suas necessidades de discutir certos temas ou de ensaiar certas ações (NUNES; SCHERER, 2016).

Na execução das aulas, na primeira etapa proposta por Augusto Boal, focamos em dar atividades de contato físico e para testar os seus corpos, por exemplo, alongamentos onde as crianças deviam se apoiar umas nas outras, atividades de equilíbrio em duplas e brincadeiras cantadas com toques entre os mesmos. Atividades essas que possibilitavam que as crianças percebessem seus limites em relação ao equilíbrio, flexibilidade e até mesmo afetivo, já que todas as atividades havia toques nos colegas.

Segundo Amaral (2011), o teatro no processo de formação da criança, é capaz de incluir, de integrar, e também dá oportunidade para que ela se aproprie de maneira crítica e construtivista dos conteúdos sociais e culturais na sociedade na qual está inserida, mediante troca com os pares.

Entretanto, também surgiram situações-problema como, por exemplo, percebemos que as crianças não confiavam uma nas outras e tinham certa repulsa com toques dos colegas. Com essa percepção, pudemos ajustar as aulas para tentar solucionar esse problema, aumentando a frequência desse tipo de atividade e contextualizando essas questões.

Para La Taille (2006), ao se falar de confiança:

“Será preciso oferecer às crianças um ambiente cooperativo para que o desenvolvimento moral não seja abortado, para que o sentimento de confiança se fortaleça e, posteriormente, a criança queira ser merecedora de confiança, prova de que ela chegou à autonomia” (p. 132).

Na segunda etapa, propomos atividades onde as crianças deveriam usar o corpo como forma de linguagem, como por exemplo, na brincadeira do “jogo do mestre”, que funciona ao estilo "siga o mestre", em roda, os participantes devem repetir os movimentos ditados por um mestre. A qualquer momento, o mestre pode passar o comando do grupo para outro participante (com um simples olhar ou como o jogo permitir). Pode-se também "roubar" o comando iniciando outro movimento. A dinâmica deve rolar até existir uma superação dos controles e brincadeira iniciais e começar um mergulho maior na atividade, possibilitando assim, que as crianças usassem seus corpos como linguagem. E também jogos de faz de conta, onde fazia com que as crianças se “transformassem” em gigantes, formigas, cachorros, entre outros. Aflorando a imaginação e a percepção da criança. Nessa etapa, percebemos que obtivemos mais atenção das crianças e que cumpriram com o que foi acordado nas reuniões antes da realização das atividades propostas, ou seja, colaboraram com o andamento da aula.

A utilização de jogos dramáticos em ambiente escolar parece permitir o resgate do papel ativo do aluno no processo de construção do saber escolar. Também o fato do teatro representar uma atividade eminentemente coletiva parece permitir uma maior aprendizagem, pois o teatro estimula o processo de interação social (HAUER, 2005).

É fundamental que o professor tenha consciência das características, necessidades e interesses de seus alunos, para que, a partir desse diagnóstico, consiga elaborar estratégias e propor atividades que favoreçam o alcance de seus objetivos, pois se as sugestões apresentadas forem utilizadas como meras receitas, sem significado ou reflexão por parte do professor, isso colocará em dúvida se o processo de ensino e aprendizagem terá êxito (SILVA FILHO; PEREIRA; 2012).

Na terceira etapa, fizemos alguns jogos teatrais no auditório da escola, como o jogo do “Passa palma”, que funciona da seguinte forma: forma-se um círculo, o jogador que começa passa a vez escolhendo com o olhar alguém e direcionando uma palma para esta pessoa, que faria a mesma coisa e assim por diante, ao final das aulas dessa etapa buscaríamos fazer com que as crianças apresentassem um pequeno esquete, através do improviso, como criar uma cena como se estivesse dentro de um elevador, onde o próprio elevador era um “ator”, os botões e as portas. Já nessa etapa, pudemos perceber uma maior dificuldade de inserção e cumprimento por parte das

crianças, apesar das dificuldades encontradas, cumpriram com algumas das atividades propostas, dentro da limitação apresentada por eles.

É necessário cultivar a criatividade humana, pois, “os indivíduos, as comunidades e as sociedades só podem adaptar-se ao que é novo e transformar sua realidade por meio da iniciativa e da imaginação criadoras, bases que podem ser construídas também com o teatro” (JAPIASSU, 2005, p. 87).

Na quarta etapa, fizemos uma aula de Clown<sup>2</sup>, que nada mais é que a ampliação de aspectos ingênuos, puros e característicos do ser, ou seja, é a exposição do ridículo de cada um. O Clown utiliza da pintura facial para sua caracterização, essa pintura pode ser única e personalizada, cada tem a sua forma de pintar/ maquiagem. Outra característica do Clown é que ele:

[...] trabalha com um ‘estado orgânico’ que o leva a agir com uma ‘lógica própria’, determinando, a partir desse estado, todas as suas ações físicas que nascem a partir de sua relação com o espaço, com os objetos ao redor, com os outros clowns, com seu figurino e, principalmente, com o público. Dessa forma, encontramos outra palavra básica para definir o trabalho do clown: ‘relação real’, verdadeira e humana, com tudo que se encontra a sua volta, incluindo aí o público (FERRACINI, 2003, p. 218).

Nessa aula conceituamos o que era o Clown e fizemos uma breve encenação de uma esquete, ambos os estagiários devidamente caracterizados, após a esquete e a conceituação, pintamos/maquiagem as crianças e deixamos elas livres para vivenciar o Clown da maneira que eles quisessem.

Quando entramos no conteúdo da terceira etapa proposta por Augusto Boal, percebemos que teríamos muito trabalho em realizar os jogos e apresentações teatrais, pois as crianças ficavam muito dispersas e não confiavam uma na outra, dificultando assim a interação e a concentração.

Então mudamos um pouco o planejado para que pudéssemos trabalhar essas habilidades nas crianças, passando a realizar mais atividades de expressão corporal, porém, sem deixar o teatro de fora, continuávamos com alguns jogos teatrais, como mímicas e brincadeiras de faz de conta, o que fez com que as crianças voltassem a ter interesse pelas atividades propostas. Até que conseguimos avançar e chegar à quarta etapa, onde seria o auge das nossas intervenções. As crianças adoraram se maquiagem e atuar. Foi muito gratificante para nós, pois podíamos perceber o

---

<sup>2</sup> É a exposição do ridículo e das fraquezas de cada um, logo, ele é um tipo pessoal e único. O clown não representa, ele é. Não se trata de um personagem, ou seja, uma entidade externa a nós, mas da ampliação e dilatação dos aspectos ingênuos, puros e humanos.

brilho nos olhos daquelas crianças, em todos os momentos, no caminhar, no maquiar, ao se olharem no espelho e até mesmo na despedida.

A ideia era mostrar às crianças um pouco sobre teatro e expressão corporal, demonstrando, assim, que existem várias formas de se expressar. Tais como a fala, o corpo, o desenho, as músicas, enfim, ARTE! E apesar das dificuldades, conseguimos fazer com que elas experimentassem um pouco a arte em suas diversas formas, teatro, música, desenho, artesanato, linguagem e principalmente o corpo.

Colocar o teatro como conteúdo nas aulas de Educação Física não foi uma tarefa muito fácil, mas não impossível. Conseguimos colocar as potencialidades dos alunos à prova, fazendo com que eles as aprimorassem; pudemos trabalhar a discriminação, pois, ao possibilitar os toques entre eles, as discriminações apareciam, como questões de sexualidade e gênero, “isso é coisa de menina”, “não vou tocar nele, porque ele é chato”, entre outras frases ditas pelas crianças. Assim, possibilitando uma conversa dos professores com as mesmas, através do diálogo e respeito mútuo.

Todas as intervenções feitas por nós, os estagiários, foram avaliadas por meio de rodas de conversa feitas após as mesmas, onde incluíamos as crianças nessa conversa, perguntando se gostaram, explicando o que foi trabalhado e contextualizando as situações decorrentes das intervenções, como as situações citadas no parágrafo anterior (sexualidade e gênero), tentávamos através do diálogo fazer com que eles entendessem e respeitassem as diferenças. Aproveitando as nossas experiências, seja de formação acadêmica ou de vida.

Nessas vivências despertam-se outras habilidades e necessidades, tais como, a originalidade, que exprime seu mundo interior pela via corporal, que se comunica e que pensa, onde pôde ser observada nas ações das crianças, já que cada uma fazia a atividade proposta de maneira diferente, seja em desenho ou movimento.

Desperta a imaginação que, na criança, move-se junto com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis (GIRARDELLO, 2011). Onde se viam nas cenas propostas pelos professores. A expressão, presente em todos os momentos, na fala, no movimento, no desenho e etc. A solução de problemas, presentes nos desafios propostos pelos professores e nas estratégias utilizadas nos jogos. A disciplina, no ato de obedecer e

respeitar o professor. A capacidade de conviver com pensamentos divergentes e o trabalhar em equipe, presentes nos jogos em equipe, na encenação e no brincar.

Para Dolci (2005) “o Teatro possibilita uma forma diferente de aprender, é uma experiência criativa, produtiva e participativa, sendo eficaz no desenvolvimento integral dos estudantes preparando-os a enfrentar problemas na sua trajetória de vida” (apud NASCIMENTO, 2015, p.3).

A inclusão do teatro em si, nada pode fazer para alcançar seus efeitos se sua prática não for efetiva e trabalhada durante o ano todo, em cada escola e em cada aluno, de forma individual e coletiva, com metodologias concretas e eficazes, e que o profissional que se proponha a trabalhar com o teatro nas escolas esteja preparado e seja capaz de desenvolver/alimentar as potencialidades que o teatro proporciona em seus praticantes.

Assim, para que dê certo, o professor deve fazer dar certo, deve estar sempre atento às necessidades de seus alunos e aos acontecimentos presentes em suas aulas. Para então, quando tiver a oportunidade, trabalhar pedagogicamente essas discussões e potencializações. Fazendo com que os alunos compreendam, reflitam e se aperfeiçoem.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa pude observar que, as linguagens expressivas advindas das artes estão presentes no cotidiano da criança, pois quando esta canta, dança, rabisca no chão, risca a areia, forma objetos com diversos materiais que encontra, ou mesmo ao usar seu próprio corpo, está fazendo arte, pois são formas de comunicação que servem para dizer o que as palavras não dizem e, que precisam ser aprendidos para que nos tornemos sujeitos expressivos.

Porém, há muitos fatores que dificultam a implementação da linguagem teatral nas escolas, como por exemplo, a carência de materiais sobre a metodologia de ensino e sobre a metodologia de pesquisa, ou seja, faltam informações e pesquisas sobre o tema, faltam professores capazes de trabalhar com o teatro nas escolas.

Outro aspecto observado é que, pela prática da linguagem teatral, é possível reinventar as relações, pode abrir portas e romper barreiras. Porém, isso só pode ser feito com diálogo e ações de respeito, reconhecimento e valorização do diferente, estimulado por quem conduz.

É necessário que o professor estude mais, busque alternativas, converse com seus alunos, tenha experiência com as diferentes linguagens e, acima de tudo que goste/ame o que faz, consciente de quem está ensinando e com muita responsabilidade.

Ao fazer uma busca nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física, descobri que os conteúdos a serem trabalhados nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental são divididos blocos: “Esportes, jogos, lutas e ginásticas”, “Atividades rítmicas e expressivas” e “Conhecimento sobre o corpo”. E que esses blocos podem e devem relacionar-se, por não se tratarem de uma estrutura estática ou inflexível. Eles têm conteúdos em comum, mas guardam especificidades.

O desenvolvimento da presente monografia tentou mostrar também, a legitimação do teatro nas aulas de Educação Física, que se dá através da abordagem cultural e corporal, do estético e cultural, onde esse contato das linguagens do corpo e das artes, pode ser interpretado, apropriado, criado, recriado, refletido e contestado, assim contribuindo para uma formação crítica dos sujeitos envolvidos.

O ensino e a prática do teatro podem auxiliar a Educação Física, pois inclui uma série de aprendizagens, como: o aluno aprende a improvisar, desenvolve a oralidade, a expressão

corporal, a impostação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva a leitura, ajuda os alunos a desinibirem-se e adquirirem autoconfiança, desenvolve habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento.

Esse estudo também mostra a importância da linguagem teatral nas escolas, listando as potencialidades desenvolvidas em quem conviva ou conviveu com essa linguagem, tais como: o desenvolvimento das capacidades expressivas e artísticas, exercício das relações de cooperação, diálogo e respeito mútuo, reflexão de como agir com os colegas, na aceitação das diferenças; e seu papel pedagógico.

Mostra a importância da arte como recurso sensível na formação de professores de Educação Física, pois contribui para a instauração de um novo perfil de profissional que se almeja: crítico, expressivo, sensível ao poder que as artes têm em oportunizar a reflexão e impulsionar pequenas transformações.

Pensar na inclusão do conteúdo teatral na formação dos professores de Educação Física, significa romper com práticas que desencorajam a criatividade, vindas de uma postura tradicional de ensinar e aprender.

É importante evidenciar o papel do professor na mediação do conteúdo teatral nas aulas de Educação Física, já que o teatro por si só não causará tanto aprimoramento individual e coletivo, isso só será possível com a participação ativa do professor.

Pensar o teatro como recurso capaz de gerar Arte e como base em um processo formativo dos futuros professores em Educação Física, mostra que uma formação pautada em princípios éticos, que tenha o ensino, a pesquisa e a extensão como condutores dessa formação, pode corroborar para a ruptura da fragmentação que muitas áreas do conhecimento apresentam como na Educação Física (NASCIMENTO; KRUG, 2015).

Podemos concluir que a inclusão proposta não está no fato de levar o teatro à Educação Física, ou vice e versa, mas desvendar os pontos em comum, em relação ao exercício prático de suas aulas, como por exemplo, tanto no Teatro como na Educação Física, o início do trabalho se dá com um aquecimento/alongamento no intuito de preparar o corpo para o desenvolvimento das atividades subsequentes.



Dada a importância do assunto, torna-se necessário o desenvolvimento de formas de se trabalhar, com mais frequência, o teatro nas escolas e torná-las mais acessíveis aos professores e futuros professores e, nesse sentido, fazer com que o teatro seja uma possibilidade, já que sua inclusão ajuda tanto o campo do teatro quanto o da Educação Física, aproximando essas duas áreas do conhecimento, que têm o corpo como objeto de estudo, sob um novo prisma, capaz de oportunizar, de forma criativa, o aprender acerca da corporeidade, das representações sociais e da estética.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; MORUZZI, Andrea Braga. Infância na contemporaneidade:: questões para os estudos sociológicos da infância. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 2, n. 2, p.25-37, dez. 2016.
- ALMEIDA JUNIOR, José Simões de. Reflexões acerca do estágio curricular na formação do professor licenciado em teatro. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p.43-64, jun. 2013.
- AMARAL, Priscilla Aparecida. **A linguagem do teatro no ensino fundamental I: Embates e perspectivas**. 2011. 110 f. Dissertação (Pós-Graduação) - Curso de Educação, Arte e Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.
- AQUER, Fabíola; PINTO, João Rodrigues; LUZ, Lédima. O Teatro na construção de aprendizagens. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [s.l.], v. 7, n. 12, p.1-12, mar. 2015.
- BARROS, Adil de J. Paes de,; LEHFEL, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.
- BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 14<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 368 p. 2011.
- BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo: Método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991. 234 p.
- BOAL, Augusto. **Técnicas latino-americanas de teatro popular**. São Paulo, 1988.
- BOTAN, Tiago. **O desinteresse dos alunos do Ensino Médio pelas aulas de Educação Física: motivos que levam a não praticar as aulas**. 2012. 55 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Física, Universidade Aberta do Brasil, Barretos, 2012.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedex**, Vitória, v. 1, n. 48, p.69-88, ago. 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2016.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs Artes)**. Brasília, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **CONHECIMENTO DE MUNDO, Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: Artes**. Brasília: MEC /SEF, 1997. Brasil.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais: Artes**. Brasília: MEC /SEF, 1998. Brasil.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro. **Metodologia da Investigação**. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

CARREIRA, André. **Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**. Rio de Janeiro: 7letras, 2006.

CARTAXO, Carlos. **O ensino das artes cênicas na escola fundamental e média**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

CHACRA, Sandra. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Coletivo de Autores. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FARIA, Alessandra de Carvalho. **Linguagens expressivas e a formação de professores para a Educação Infantil: um estudo de projeto pedagógico**. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 218.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-posições**, Campinas, v. 22, n. 2, p.75-92, jul. 2011.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas: Papyrus Editora, 2005.

KLEIN, Ana Maria; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. A escola frente às novas demandas sociais: educação comunitária e formação para a cidadania. **Revista Cordis**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.1-18, jan. 2008.

KOUDELA, Ingrid. Dormien. **Jogos Teatrais**. 7ed. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. v. 1. 155 p.

KRASILCHIK, Myriam, MARANDINO, Martha. **Ensino de Ciências e Cidadania**. 2a ed. São Paulo: Editora Moderna. 2007, 87p.

HAUER, Rafael Mauricio. **Linguagem teatral e a aquisição de conteúdos escolares: Uma perspectiva cultural histórica**. 2005. 267 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LIBANEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 19ª ed. São Paulo: Ed: Loyola, 2003 (b).

MARTINS, Gilberto de Andrade; PINTO, Ricardo Lopes. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

MERCADANTE, Marcelo Tomanik. **Como escrever um trabalho científico**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, 2010. 226 p.

NASCIMENTO, Marcele da Silva; KRUG, Hugo Norberto. Teatro e a Educação Física Escolar: um diálogo sensível na formação inicial de professores de Educação Física. **Holos**, [s.l.], v. 3, p.246-258, 24 jul. 2015. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

NEVES, José. Luis. Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades. **Cadernos de pesquisa em administração**, São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem. 1996

NUNES, Isaac Guilhon; SCHERER, Rosane. **Expressão Corporal através de jogos teatrais**. 2016. 65 f. (Relatório de estágio) – Curso de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

OLIVEIRA, Maria Eunice de; STOLTZ, Tania. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. **Educar**, Curitiba, v. 1, n. 36, p.77-93, jul. 2010.

PEIXOTO, Fernando, **O que é teatro?** São Paulo: Paz e Terra, 1980.

PEREIRA, Diego de Medeiros. **Commedia Dell'Arte e Educação Infantil: um processo de formação de professores**. 2011. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PESTANA, Samya Maria de Almeida Botelho. Educação Física no Ensino Médio: uma proposta pedagógica. **Revista E.F./ Confef**. Rio de Janeiro, v. 1, n.4, p. 30- 33, setembro/2002.

REVERBEL, Olga Garcia. **Jogos Teatrais na escola**. São Paulo: Scipione, 1989.

REVERBEL, Olga Garcia. **A chave perdida**. 2. ed. São Borja: L&pm, 1998. 104 p.

SILVA, Carliane Lima da; PAULA, Érika Ferraz Teixeira de; OLIVEIRA, Maria Leuzivânia Lacerda. **A imprescindível ação das relações interpessoais no âmbito escolar**. 2015. Disponível em: <<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/A-imprescindível-ação-das-relações-interpessoais-no-âmbito-escolar.aspx>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

SILVA FILHO, Manoel Francelino da; PEREIRA, Raquel Stoilov. Educação Física e professores polivalentes: Os casos das escolas públicas municipais de Várzea Grande. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Várzea Grande, v. 11, n. 2, p.161-187, 2012.

SILVA, Rovilson José da. A relação escola e teatro: Algumas considerações. *Perspectiva*: São Paulo, 2007, p.86.

SILVA, Wanderly Borges. **Utilização dos jogos teatrais na construção cênica: Ressignificando o olhar sobre o ensino do teatro na escola**. 2011. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Teatro, Universidade de Brasília, Barretos, 2011.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física Escolar: Conhecimento e especificidade. **Rev. Paul. Educ. Fís**, São Paulo, v. 10, n. 20, p.6-12, out. 1996.

SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educere Et Educare**, Cascavel, v. 6, n. 12, p.235-249, set. 2011.

SPOLIN, Viola. **Improvisation for the Theater**. United States of America: Northwestern University Press, 3 ed., 1999.

SPOLIN, Viola. **O Jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 2008a.

Vygotsky, Lev. Semyonovich. (1984). **Formação Social da Mente**. S. Paulo: Martins Fontes.

ZANCHETTA Jr, Juvenal; BARBOSA, Raquel Lazari Leite. **Educação e Linguagem**. In: Pró-Reitoria de Graduação - UNESP. (Org.). Caderno de Formação: Formação de Professores - Introdução à Educação. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica; Universidade Estadual Paulista, 2010, v. 1, p. 117-134.

## APÊNDICE A – RELATÓRIO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DO ESTÁGIO

Na conversa com a professora e vice-diretora da Escola de Educação Básica Getúlio Vargas, ela explicou que a escola tem autonomia, pois os gestores da escola são eleitos, o que antigamente não acontecia, eram decididos por cargo convencionado. Ela nos contou também um pouco sobre a atuação dos professores, contou que tem muitos professores ACTs, horistas, assim não tendo um vínculo com a escola ou comunidade. Os pais acabam usando a escola como, segundo ela, um depósito de crianças, pois eles vão trabalhar cedo e já deixam seus filhos na instituição. Ela nos contou também sobre a revolta com a educação, falando dos projetos que estão se acabando, um exemplo seria o EMI, Ensino Médio Inovador, que seriam aulas integrais para o Ensino Médio, falou também de verbas sendo cortadas, assim não tendo verba, muitas vezes, nem para papel higiênico e para o almoço das crianças.

No primeiro dia de observação nas turmas, observamos à turma do 2º ano, a turma tem 21 alunos no total e 19 alunos estavam presentes no dia. Aluno 1 é o aluno mais arteiro da turma, porém a professora o usa como assistente, ele e o Aluno 2 desenharam para gente. Os demais alunos nos mostravam seus trabalhos de artes e cantavam músicas de sertanejo e funk. A professora estava organizando os cadernos dos alunos e mostrou algumas brincadeiras antigas.

Na turma do 3º Ano, que tem 23 alunos, a professora estava ensinando sobre higiene e matemática, os alunos ficavam brincando de pegar os penais uns dos outros e escondendo, ficava discutindo, fazem ameaças e falam palavrões. Aluno 3 e Aluno 4 são os alunos mais arteiros e se estranharam na maior parte da aula chegando ao ponto de trocarem socos e pontapés, com isso, Aluno 3 foi mandado para a coordenação, a turma parece estar acostumada com essa situação, Aluno 4 perde a paciência muito fácil e ameaça os colegas. A turma se organizava em três colunas e em duplas.

No segundo dia de observação, na turma do 4º ano, que tem 34 alunos e 27 estavam presentes no dia, os alunos estão aprendendo sobre a dengue, terminando para fazer uma campanha pelas outras turmas, os que terminavam podiam ler livros infantis, os cartazes estavam sendo feitos em grupos, o que causava algumas discussões, pois os alunos diziam que estragava os desenhos. Ocorreu uma pequena discussão entre dois alunos, pois um estava se metendo na vida do outro, a professora interviu e ficou com um deles por mais 5 minutos antes de deixa-lo ir

para a aula de educação física. Na sala de aula tem duas informações interessantes que observamos, a professora fazia uso de microfone para fazer a chamada e a sala estava organizada de uma maneira diferente da convencional. Na aula de educação física havia um aluno que brincava com um cachorro enquanto os demais brincavam com a orientação da professora.

Na turma do 5º ano, tem 27 alunos, a professora fez a correção de um exercício de matemática, alunos disputam para ir ao quadro, Aluno 5 começou a chorar porque a professora não o chamou para o quadro, Aluno 6 é autista, tem 3 alunos bem maiores que os demais, ao conversarmos com a professora descobrimos que são repetentes. Começa então o conteúdo de português, a turma é bem disciplinada, a professora começa a pedir cadernos e dar notas para os alunos que fizeram a atividade e deixou um recado para os pais nos do que não o fizeram, os alunos formam duplas e criam uma história em quadrinhos, durante as escolhas das duplas, alguns alunos não queriam fazer com uma menina, os que se recusaram a fazer com ela tiveram que fazer sozinhos e a menina conseguiu uma dupla. Uma menina reprovou 3 vezes no 5º ano, e tem muita dificuldade para escrever e ler. A turma estava organizada da maneira convencional.

No terceiro dia de observações, na turma do 1º ano, que tinha 20 alunos e 18 presentes no dia, quando chegamos na sala, os alunos estavam mostrando para a professora o caderno, as crianças ficam brincando uma com a outra tentando engana-las. Aluno 7 não demonstra interesse na aula, para que os alunos façam silêncio a professora ameaça ir embora. O tema da aula é a dengue, os alunos mostravam suas pinturas para gente, a professora dá então massinha de modelar para eles e coloca uma musiquinha de fundo, os alunos então nos mostram as suas obras. Aluno 8 tem um primo na sala, Aluno 9, este não desgruda dele, na sala também têm dois irmãos, Aluno 10 e Aluna 11, e também uma pequena família, Aluno 12, Aluno 13 e Aluna 14, Aluno 12 e Aluno 13 são irmãos e Aluna 14 é prima deles. O pai deles já foi preso e foi proibido pela polícia de frequentar o morro próximo à escola. Para encerrar a aula a professora puxa uma breve cantoria com as crianças.

Na turma do 2º ano, tem 22 alunos é comandada pela turma do fundão, os alunos não demonstram interesse pela aula, assim não obedecendo a professora, que nos deixou sozinhos com a turma, junto com outra professora, demos lego para eles, que fizeram armas com o lego, no final da aula ainda teve um pequeno desentendimento entre dois alunos, um deles levou um chute no estomago, porém ele que provocou.

Escolhemos a turma do 1º ano, como nossa turma, e então começamos a observação na turma. No dia seis de abril começamos com essa etapa, buscamos conversar com os alunos para descobrir um pouco da cultura deles, com quem mora, o que fazem, etc. Descobrimos pela professora que o aluno Aluno 15, mora com o tio que estuda na escola e que só compra besteira para ele. A professora nos contou também que o Aluno 10 tem problemas de audição, nós acreditamos que não, Aluno 9 demonstra ser bastante carente e dependente, Aluno 7 nos disse que é o dono dos cães que estavam na escola e é muito desinteressado na aula.

No dia 7 de abril as crianças brincaram no parquinho e em sala de aula ajudamos a professora em cortes de cartolina para que as crianças produzissem um mosquito da dengue utilizando garrafa pet.

No dia 12 de abril, a professora ensinou para as crianças uma nova música, após a música a professora deu uma imagem com um mosquito da dengue para que as crianças a pintassem, elas combinam entre si as cores que irão pintar. A professora então pede para que os alunos formem uma meia lua em frente dela para que ela pudesse contar uma história para eles, ela contou a eles a história do número 1 e passou alguns exercícios para reforçar. A Aluna 16, que é negra, pediu o lápis “cor de pele” para uma das colegas, Rosane deu alguns exemplos para que ela refletisse se era certo o chamar de cor de pele.

No dia 13 de abril, chegamos após o recreio e as crianças estavam brincando em sala de aula com jogos, ensinei para alguns como jogar “memória”, Aluna 17 e Aluna 18 demonstraram ser muito competitivas, Aluna 16 e Aluna 19 são consideradas líderes para as demais, pois elas sempre puxam as brincadeiras e as coordenam, Aluno 15 é muitas vezes excluído pelas crianças, pois ele é agressivo de vez em quando.

No dia 14 de abril a aula de educação física foi na sala de aula com jogos de tabuleiro, pois havia chovido, quando a professora chegou em sala passou deveres e contou a história do número 2.



## **APÊNDICE B – PROJETO DE INTERVENÇÃO**

### **PROJETO DE INTERVENÇÃO**

#### ***“EXPRESSÃO CORPORAL ATRAVÉS DE JOGOS TEATRAIS”***

#### **TEMA OU CONTEÚDO A SER DESENVOLVIDO**

Acompanhados pela turma do 1º ano, trabalharemos o tema Expressão corporal através de jogos teatrais usando a Concepção de Aulas Abertas através de aulas expositivas e dialogadas, com construção de objetos/brinquedos com materiais recicláveis, com isso realizaremos pequenas oficinas teatrais e para a criação, construção e utilização desses objetos/brinquedos.

#### **JUSTIFICATIVA**

Já que o ensino das artes na educação escolar brasileira segue concebido por muitos professores, funcionários de escolas, pais de alunos e estudantes como supérfluo, caracterizado como lazer, recreação ou luxo – apenas permitido a crianças e adolescentes das classes economicamente mais favorecidas, trabalharemos com a expressão corporal através de jogos teatrais, pois também acreditamos importante que as crianças possam se conhecer melhor, conhecer seu próprio corpo, conhecer seus limites e também é um excelente tema para que elas percam a timidez e se tornem jovens extrovertidos.

#### **OBJETIVOS**

##### **Desenvolver experiências de movimento**

Fazer com que os alunos, através de várias experiências de movimentos, construam junto uma maneira de chegar ao objetivo estipulado pelo professor ou até mesmo por eles.

### **Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes**

Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal). Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações).

### **Fortalecer as relações entre integrantes**

Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento à classe.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

No curso de Educação Física, parece haver o que Norbert Elias chamou de processo civilizador, uma crescente restrição das expressões do corpo, sejam elas relacionadas à exposição, aos hábitos à mesa ou ainda às várias formas de manifestação violenta (ELIAS, 1986, 1988). E a expressão corporal nada mais é do que:

“[...] um aprendizado que engloba sensibilização e conscientização, classificando-se como uma espécie de estilo pessoal, manifestado através de diversos movimentos, posições e atitudes. Assim, é válido ressaltar que nós humanos somos pura expressão, afinal são olhares, sorrisos, mãos, lágrimas, voz e gestos. Em suma, a expressão corporal é uma atividade organizada, dotada de objetivos que visam o desenvolvimento da sensibilidade, imaginação, criatividade e principalmente da comunicação. Logo, fica explícito que a expressão corporal é uma linguagem, é um aprender sobre si mesmo; é usar a nossa própria máquina: o nosso corpo, para transmitirmos o que sentimos” (PEDROSA, TAVARES, p. 199 2009).

E acreditamos que nas séries iniciais as crianças devem se conhecer melhor, devem conhecer o próprio corpo. E quanto aos jogos teatrais por que:

"as Artes representam um adorno à vida, mas isso contradiz radicalmente as leis que sobre elas descobre a investigação psicológica. Esta mostra que as Artes representam o centro de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade e que se constituem no meio para se estabelecer o

equilíbrio entre o ser humano e o mundo nos momentos mais críticos e importantes da vida” (VYGOTSKY, p. 316, 1972).

Além de utilizarmos da expressão corporal e dos jogos teatrais, faremos o uso da metodologia do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, que consiste em quatro etapas de ensino, a Primeira etapa seria o Conhecimento do corpo, sequência de exercícios em que se começa a conhecer o próprio corpo, suas limitações e suas possibilidades, suas deformações sociais e suas possibilidades de recuperação; Segunda etapa seria Tornar o corpo expressivo, sequência de jogos em que cada pessoa começa a se expressar unicamente através do corpo, abandonando outras formas de expressão mais usuais e cotidianas; Terceira etapa seria o Teatro como linguagem, onde se começa a praticar o teatro como linguagem viva e presente, e não como produto acabado que mostra imagens do passado; Quarta etapa seria do Teatro como discurso, onde o espectador-ator apresenta o espetáculo segundo suas necessidades de discutir certos temas ou de ensaiar certas ações.

## **METODOLOGIA**

Com a finalidade de unir as metodologias utilizaremos a Concepção de Aulas Abertas de Reiner Hildebrandt-Stramann e Ralf Laging. Tal concepção busca fazer com que o aluno desenvolva sua autoafirmação utilizando o ambiente como a principal ferramenta da execução de movimentos fugindo do modelo tecnicista desenvolvido nas atividades de Educação Física Escolar. Nessas aulas, o professor abandona seu monopólio absoluto do planejamento e da decisão e oferece aos alunos espaços substanciais de ação e decisão. Nas aulas, os alunos podem apresentar suas imagens, ideias e interesses, com respeito ao movimento, jogos e esporte, para participar na decisão sobre o planejamento e realização da aula. Quando o ensino for orientado no processo, o andamento da aula e as ações desenvolvidas é que está no centro do interesse didático e, com isso, o modo pelo qual os alunos têm relação conjunta e relação com a matéria, das possibilidades diversas para resolver problemas motores e sociais dos alunos e do professor e, com isso, da ação autônoma e social dos alunos.

A aula orientada nos problemas tem origem numa situação problemática. Por exemplo, criar um jogo com uma situação apresentada pelos alunos na aula ou com um problema resultante

da própria aula. O importante é que as soluções não são fixadas anteriormente. Os alunos devem criar, experimentar e avaliar conjuntamente e com a ajuda do professor as várias possibilidades de solução.

### **AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES**

A avaliação privilegia o processo de ensino-aprendizagem, do simples para o mais complexo e ocorrerá durante todo o período de intervenção e no final de cada. Levaremos em consideração a opinião de cada criança, que será dada, durante nossa roda pedagógica no final de cada intervenção.

### **PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

**Local:** Auditório/sala de aula da turma

**Ministrantes:** Isaac e Rosane

**Objetivos:** Desenvolver experiências de movimento

Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes

Fortalecer as relações entre integrantes

| <b>Data</b>  | <b>Tema/Conteúdo da aula</b> | <b>Estratégia(s)</b>  | <b>Materiais</b>               | <b>Observações</b>   |
|--------------|------------------------------|---|--------------------------------|--|
| <b>03/05</b> | Introdução ao tema           | Roda pedagógica com as crianças para descobrir suas experiências com o tema e alguns jogos teatrais | Saquinho de perguntas diversas | Aula para conhecer melhor as crianças e para elas se conhecerem melhor |

|              |                              |   |                       |   |
|--------------|------------------------------|---|-----------------------|---|
| <b>05/05</b> | Jogos teatrais               | Coordenar diversos jogos teatrais   |                       | Terá como fim trabalhar a concentração e o improviso da turma, além de integração entre os mesmos |
| <b>10/05</b> | Jogos teatrais               | Coordenar diversos jogos teatrais   |                       | Terá como fim trabalhar a concentração e o improviso da turma, além de integração entre os mesmos |
| <b>12/05</b> | Confecção da colmeia.        | Propor ideias de objetos para enfeitar a sala de aula e confecciona-los com as crianças | Materiais recicláveis | As crianças terão o auxílio dos ministrantes durante a confecção                                  |
| <b>Data</b>  | <b>Tema/Conteúdo da aula</b> | <b>Estratégia(s)</b>  | <b>Materiais</b>      | <b>Observações</b>  |
| <b>17/05</b> | Jogos Teatrais               | Coordenar diversos jogos teatrais   |                       | Os jogos teatrais terão como fim trabalhar a concentração e o improviso da turma                  |

|              |                            |  |                                    |   |
|--------------|----------------------------|--|------------------------------------|---|
| <b>19/05</b> | Jogos Teatrais             | Coordenar diversos jogos teatrais  |                                    | Mostrar a rotina de grupos de teatro  |
| <b>24/05</b> | Jogos Teatrais             | Coordenar diversos jogos teatrais com a temática   | -Rabos feitos de papel             | Os jogos teatrais terão como fim vivenciar o clown.   |
| <b>02/06</b> | Oficina Clown              | Tutorial de maquiagem Clownesca; Coordenar diversos jogos teatrais e uma pequena apresentação teórica do tema. |                                    | Ensinares como se maquiar;<br><br>Os jogos teatrais terão como fim aprimorar a experiência com o clown. |
| <b>07/06</b> | Oficina Cantinho das artes | Confeccionar o cantinho das artes.   | -TNT<br><br>-Barbante<br><br>-Fita |   |
| <b>09/06</b> | Vivência musical           | Coordenar diversas atividades musicais.  | CD com músicas infantis            | Através das músicas trabalharemos a expressão corporal.   |

| <b>Data</b>  | <b>Tema/Conteúdo da aula</b> | <b>Estratégia(s)</b>   | <b>Materiais</b>       | <b>Observações</b>             |
|--------------|------------------------------|--|------------------------|--------------------------------|
| <b>14/06</b> | Expressão corporal           | Explorar o ambiente areão, e em seguida realizar um desenho sobre. |                        | Trabalhar percepção e desenho. |
| <b>16/06</b> | Confraternização             | Confraternizar e conversar com a turma sobre as intervenções.      | Frutas<br>Suco<br>Bolo |                                |

## APÊNDICE C - RELATÓRIOS DE INTERVENÇÃO

### *Primeira Intervenção 03/05/2016*

A primeira atividade proposta foi uma roda de conversa sobre o teatro, sobre experiências, etc. Cada criança expôs suas informações relativas ao teatro, e como consequência cada uma falou sobre seus sonhos de serem professores e professoras, outros veterinários, policial, médica, cuidador de idoso.

A segunda atividade proposta foi um alongamento coletivo que serviu para alongar e aquecer, onde sentados, se davam as mãos e juntavam os pés, inclinava o corpo para trás e em seguida para frente. Eles gostaram tanto, que repetimos duas vezes. Como nesta atividade conseguimos alcançar o objetivo de alongar e aquecer, decidimos não realizar a terceira atividade, que seria uma travessia com apoios.

Na quarta atividade, a proposta era realizar um equilíbrio em duplas. Onde as duplas de pé aproximavam-se e se davam as mãos de forma cruzada. Realizavam o “ajuste” de equilíbrio jogando com o peso do corpo e mantendo o equilíbrio a dupla se abaixava e levantava. Depois de realizada algumas vezes, aumentamos o nível do desafio, quando a dupla estivesse agachada, soltaria uma das mãos, colocando-a para trás, em seguida trocava-se as mãos. Nesta atividade, não obtivemos êxito com todas as crianças. Pudemos observar que não existia confiança entre as crianças, pois a atividade para ter êxito, teria que haver confiança entre os integrantes, como consequência, houve o desinteresse. A confiança é aceitar a própria decisão de outra pessoa. Confiar em outro é muitas vezes considerado ato de amizade ou amor entre os humanos, que costumam dar provas dessa confiança. Sem essas provas, o indivíduo tende a basear-se apenas na informação dada (ou a falta dela) acabando por seguir provavelmente uma linha de pensamento longe da verdade.

No decorrer das atividades, podemos observar que algumas crianças não sabiam o nome dos seus colegas, então decidimos realizar a atividade do elefante, girafa e palmeira e por último a atividade da apresentação e as respostas. A atividade do elefante, girafa e palmeira, foi a que mais se teve êxito, todos brincaram e queriam repeti-la. Porém a proposta da atividade era ser



realizada com certa agilidade, a que não aconteceu, pois as crianças são muito dispersas. Crianças e adolescentes das gerações atuais estão em contato constante com um acúmulo de estímulos ofertados principalmente pela mídia (que alcança todas as classes sociais), pelas músicas, danças, games, brinquedos, internet... que os deixam cada vez mais saturados e ao mesmo tempo exigentes em relações a novos estímulos, principalmente na escola que não consegue acompanhar a diversidade intensa das estimulações à que estão acostumados.

A última atividade foi uma apresentação em círculo, sentados no fundo da sala, em seguida do nome, cada criança dava a resposta da pergunta sorteada. Depois de a criança responder sua pergunta, as demais também respondiam. Quase todas as perguntas foram respondidas tranquilamente pelas crianças, porém teve duas perguntas que as crianças tiveram vergonha de responder. A primeira era sobre se já tinha gostado de alguém, todas responderam que não, foi então que uma criança foi questionada por ter a irmã presente na sala, e se ele não gostava dela, onde pudemos observar a inocência delas em relação ao real objetivo da pergunta. A segunda pergunta era se alguém já teria soltado um “pum” na frente de alguém, essa pergunta além de gerar vergonha também gerou risos. Sobre tais situações, podemos observar a inocência de uma criança que não reflete ignorância ou falta de maturidade. Reflete a surpresa, a fantasia, a imaginação, sua limpa e maravilhosa maneira de ver as coisas.

### ***Segunda Intervenção 05/05/2016***

Nesta segunda intervenção, pudemos observar que as crianças nos receberam com mais euforia que na primeira intervenção. Talvez pelo fato de terem gostado bastante da nossa primeira intervenção.

A atividade inicial que foi na sala de aula, realizamos um alongamento, que faz parte do yoga *Surya Namaskar*, que tinha como objetivo trabalhar a concentração e a respiração das crianças, além dos grupos musculares. Em seguida, fomos com a turma até o “areão” que fica em frente à sala de aula da turma. Ali decidimos por não realizar a segunda, pois na anterior já alcançamos o objetivo de aquecer as crianças, e a terceira atividade primeiramente decidimos realiza-la no final, porém não teve tempo.

A primeira atividade realizada no areão foi a do “Jogo do mestre”, esta brincadeira organizada em círculo, consistia em uma das crianças realizar um movimento e as demais “segui-la”. Primeiramente tinha como objetivo de uma forma lúdica todos seguirem o movimento, o comando dos movimentos deveria ser trocado entre as crianças com o olhar ou como a brincadeira permitisse, porém analisamos que as crianças estavam muito dispersas nesse dia optamos por realizar um jogo, onde saía uma das crianças da roda, combinávamos o mestre dentro da roda então a criança que estava fora da roda, teria que adivinhar quem era o mestre. Repetimos até todas as crianças fossem mestres. Mais para o final da atividade, pudemos observar um desinteresse muito grande das crianças, então a necessidade de trocar de atividade se tornou evidente.

A atividade seguinte era de caminhar pelo espaço conforme o professor batia palmas, as crianças variavam seu caminhar, acelerado, devagar, etc. Não a realizamos, pois a atividade seguinte era similar e o nosso tempo estava se acabando. Realizamos a atividade seguinte, que eram exercícios de cooperação e aproximação que consistia em caminhar pelo areão variando a caminhada com passos gigantes, de formiguinha, como se estivesse pegando fogo no chão, etc. Como escrito anteriormente, o fato de o tempo estar se esgotando, não realizamos a segunda parte desta mesma atividade, que era de caminhar direcionando as mãos conforme ditado pelos professores, como mão no joelho, no pé, no ombro, etc.

Pela falta de tempo, não realizamos também a última atividade de improviso, que consistia em dividir o grupo em subgrupos e dado um ambiente imaginário, cada subgrupo teria que “criar e utilizar” um objeto e deixa-lo em cena, onde o outro grupo deveria utiliza-lo e criar um segundo objeto, sempre no mesmo lugar, assim subsequente.

Como finalização, levamos o grupo para a sala, cantamos algumas músicas e conversamos sobre a aula dada.

### ***Terceira Intervenção 10/05/2016***

Iniciamos a aula em sala, colando os bilhetinhos nas agendas, pedindo a colaboração dos pais, de duas garrafas pet para serem utilizadas na intervenção seguinte. Em seguida reunimos as crianças e as levamos ao Auditório. Lá iniciamos a aula com alguns alongamentos propostos

pelos professores e também pelas crianças. Como primeira atividade realizamos a passa a palma, que organizados em círculo consistia em um jogador passar a palma escolhendo com o olhar um segundo jogador, e assim adiante. A intenção da atividade era que as crianças a realizassem com certa velocidade, porém com a desconcentração da turma, nem sequer conseguiam olhar nos olhos do colega para que se passasse a palma. Tanto essa atividade, quanto a seguinte, passa palma dinâmico não deram certo, pelos mesmos motivos. Essa atividade consistia em dividir o grupo em três subgrupos, com formato de disputa, um subgrupo de cada vez passa a palma, mas com todos os integrantes se movimentando pelo espaço. A ideia era tornar o jogo o mais dinâmico e rápido possível. Quando a equipe “errar” (deixar de passar a palma, dois integrantes passar ao mesmo tempo ou ficar muito tempo sem passar), todos saem de cena e abrem espaço para o próximo subgrupo. Voltamos a realçar a desconcentração e a falta de confiança das crianças.

A terceira atividade era caminhar pelo espaço seguindo as orientações dadas (marcar um ponto fixo, não esbarrar, variar as formas de caminhar), porém não deu muito certo, pelo mesmo motivo das atividades anteriores. Como percebemos tamanho desinteresse da turma, optamos por não fazer a atividade seguinte que seria a de foco, projeção e repulsa. E logo partimos para a última atividade, a improvisação.

Nesta atividade a turma foi dividida em dois subgrupos onde um trabalharia uma cena dentro de um restaurante, o segundo dentro de um elevador, por fim apresentar a cena para o outro grupo. Após a atividade percebemos crianças com maiores capacidades cênicas que outras.

#### ***Quarta Intervenção 12/05/2016***

A primeira proposta de aula de hoje era confeccionar as “colmeias” com as crianças, atividade que conseguimos concluir. Primeiramente conversamos sobre a construção do material, em seguida pedimos que eles desenhassem algo que eles gostariam que trabalhássemos no nosso futuro “Cantinho das Artes”, porém essa atividade acabou sendo um desenho livre, por talvez eles não tiverem entendido a proposta. Enquanto as crianças desenhavam, cortamos as garrafas solicitadas na aula anterior. Conforme as crianças terminavam os desenhos, já colávamos nas garrafas.

A segunda atividade proposta era de construirmos nosso cantinho, porém não tivemos tempo. Nos últimos minutos da aula, enquanto um estagiário terminava de colar os desenhos nas garrafas, outro estagiário cantava algumas músicas infantis com as crianças, tanto para que elas não se dispersem, e também porque elas adoram cantar, pular e dançar. O interessante foi que na aula de hoje o professor Francisco nos acompanhou e as crianças não saíram de perto dele.

Ficavam fazendo perguntas, mostrando seus desenhos. O professor nos contou sobre uma menina que tinha como objetivo desenhar um sol, o desenho dela começou com uma roda amarela que virou bola, depois um coelho, uma abelha, essa abelha se transformou em um grande sol, e em seguida esse sol ganhou um óculos, o que demonstra certa concentração, pelas etapas que ela colocou para alcançar o objetivo de desenhar o sol.

### ***Quinta Intervenção 17/05/2016***

Neste quinto dia de encontro com a turma do primeiro ano, foi a intervenção que mais obtivemos sucesso. Primeiramente na sala, conversamos com as crianças sobre o que realizaríamos durante a aula, em seguida nos organizamos e nos dirigimos ao areão. Lá em forma de círculo realizamos alguns alongamentos e aquecimento, que foram as primeiras atividades propostas. Em seguida, como mais uma atividade de aquecimento realizamos a atividade de “Morto vivo”, onde nos intervalos entre os comandos, as crianças tinham que dar mini pulos. Atividade que as crianças gostaram bastante, porém cansaram bastante.

A terceira atividade era do Comando Tower, que organizados em círculo, consistia em ouvir e reproduzir os comandos ditos pelo professor. Conforme as crianças iam errando os comandos, se dirigiam ao centro da roda, estes deviam ficar atentos ao professor, que em meio a um comando se ele falar “Sherlock”, a criança que responder mais rápido “Holmes” podia retornar ao círculo. Esta atividade as crianças gostaram bastante em realizar, uns falavam que era a brincadeira do “Super-homem”, porque um dos comandos era de cruzar os braços simulando força, o que lembrava o desenho animado.

A atividade seguinte era de caminhar pelo espaço, andando rápido, devagar, parar, olhar no rosto de um colega, descer, subir, etc. Tal atividade as crianças gostaram muito de fazer, talvez pelo fato de estarem livres, de poderem explorar um pouco o ambiente.

A última atividade realizada no areão foi uma brincadeira onde em duplas, um colega comandava o movimento do seu colega com uma das mãos. Seria como se uma corda estivesse ligando a mão à cabeça do outro. Foi uma pena termos que interromper esta atividade, as crianças estavam tão entretidas na realização dela, com brincadeiras sorriam e soltavam gargalhadas entre as duplas. Reunimos a turma e fomos de volta para a sala, tanto por causa do tempo que estava se esgotando, e porque muitas crianças se queixavam de dores de cabeça por causa do sol.

Na sala, sentados em círculo, colocamos no centro do círculo um objeto que era uma tesoura gigante (sem corte), cada criança se dirigiu ao centro do círculo, e o objetivo era inventar um novo objeto através do objeto inicial, porém não podia ser a tesoura. Saiu pente, escova de dente, lápis, colar, brinco, caneta, e muitos outros. No final, ainda indagamos as crianças sobre o que mais poderíamos inventar com o objeto tesoura, e foram bem além.

Por fim, como não tínhamos mais muito tempo, perguntamos sobre a aula, se haviam gostado das atividades, todos nos mostraram respostas positivas em relação. Nos últimos minutos, ensinamos uma música nova para a turma, a do “Crocodilo”. Nela conforme se cantam os animais, também se realiza gestos referentes a estes animais. Além desta música, cantamos outras que as crianças gostam bastante.

Novamente adiamos a construção do nosso “Cantinho das Artes”.

### ***Sexta Intervenção 19/05/2016***

Começamos a aula com uma roda de conversa com a intenção de cobrar das crianças uma concentração maior, pois a concentração é um dos fatores mais importantes para o teatro, se não o mais importante, para não irmos direto ao assunto fomos introduzindo-o devagar, começamos perguntando se eles estavam gostando das nossas intervenções, e obtivemos uma resposta positiva, em seguida perguntamos se eles se lembravam do nosso tema, eles não se lembravam, então explicamos novamente o nosso tema para eles e falamos que a concentração é de extrema importância para trabalhar o teatro e pedimos para que as crianças se concentrassem durante as aulas.

Após a conversa fizemos a primeira atividade, que era um aquecimento coletivo, onde as crianças deveriam sentar em roda com uma boa proximidade, colocar as pernas para frente e

buscar contato com os pés dos colegas, subir os braços e dar as mãos, depois descer ao chão para trás sem perder o contato com o colega, assim fazendo um trabalho abdominal. Esta atividade não funcionou apesar de já termos feito ela anteriormente, pois mesmo após a nossa conversa, as crianças não demonstraram concentração e tumultuavam muito a aula.

Então partimos para a próxima atividade de alongamento, que seria o Surya Namaskar, também já feito anteriormente, como a turma já estava muito dispersa diminuimos a sequencia do exercício, aplicando somente as duas primeiras imagens, se espreguiçar respirando profundamente e soltar o ar, levando os braços para o chão e repetimos algumas vezes a sequencia. Não deu certo pelo mesmo motivo da primeira atividade.

A terceira atividade de alongamento/aquecimento consistia que, em trios, as crianças deveriam posicionar-se de para os colegas de trio e “engatar” os braços, mantendo o contato das costas e pressionando essa parte contra os colegas, descer até o chão sem o contato da mão com o chão e sentar-se, após era possível fazer alguns alongamentos, optamos por fazer somente um, que seria o de abrir as pernas buscando o contato com os pés dos colegas de trio. Também não funcionou, pelo mesmo motivo das atividades anteriores e porque as crianças ficavam se puxando.

Fomos então para o areão e fizemos a quarta atividade, roda de nomes, em roda, alguém inicia dizendo o nome de uma pessoa e caminhando em direção a ela. Esta, antes deve dizer o nome de outra pessoa e seguir na nova direção. A ideia da atividade seria que as crianças a fizessem rapidamente, com um ritmo acelerado, o que não ocorreu e acabou sendo uma atividade não muito atraente para as crianças.

Tentamos então continuar a aula no areão, porém as crianças não colaboravam, pois estavam muito dispersas, apesar de não saírem da roda, porém achamos melhor voltar para a sala de aula, já que eles nem estavam prestando atenção na nossa explicação, voltamos para a sala e tentamos a mesma atividade novamente e não conseguimos, pois muitas crianças estavam se recusando a fazer porque queriam continuar no areão, então sabotaram nossa atividade.

Pulamos essa atividade e começamos a atividade do encaixe, mas as crianças a confundiram com a brincadeira “estátua”, então não conseguimos alcançar o nosso objetivo.

No geral, as atividades não funcionaram, parecia até que nem conversamos com eles no inicio da aula, pois eles estavam muito dispersos, até mais do que nas outras aulas. Das

dificuldades que os alunos enfrentam, a falta de atenção e concentração nas aulas e no estudo é uma das mais frequentes. Tais dificuldades podem-se dever à falta de objetivos específicos para cada sessão de estudo, a uma atitude de passividade nas aulas e também a pouca preocupação com o ambiente de estudo.

Podem também estar presentes uma série de fatores como: ansiedade proveniente de várias preocupações; pensamentos divergentes; acontecimentos inesperados, etc. Outros fatores externos podem ser, por exemplo, o ruído, a luminosidade, as condições do espaço de estudo, doença, entre outros.

Para ultrapassar estas dificuldades, é necessário identificar esses fatores em cada caso, refletindo sobre o local de estudo e aquilo que se costuma fazer quando se estuda. Embora cada indivíduo tenha o seu próprio método de estudo, há condições consideradas necessárias para um local de estudo adequado: Ter um local destinado exclusivamente ao estudo e tarefas escolares, ter um local confortável com boa iluminação, ter o material necessário nesse local antes de começar a estudar, retirar do local de trabalho tudo aquilo identificado como possível distração e evitar ser interrompido.

A falta de atenção também ocorre durante as aulas devido ao barulho da sala, a conversa com os colegas, o desinteresse pelo tema ou simplesmente por estarem a pensar em outras coisas. (COIMBRA, 2014).

### ***Sétima Intervenção 24/05/2016***

Iniciamos a aula na sala, conversando com eles sobre as atividades, em seguida os reunimos em fila na porta para seguirmos para o areão. Em círculo no areão, realizamos um alongamento/aquecimento dando saltinhos, sacudindo mãos e braços. Partimos para a primeira atividade que era do Comando Tower, onde percebemos que as crianças além de gostarem bastante da atividade, erravam propositalmente os comandos para irem ao centro do círculo, onde ao comando do professor pronunciando a palavra “Sherlock” a criança que respondia mais rápido “Holmes” retornaria ao círculo com os demais colegas. Sobre nosso ponto de vista, as crianças erravam propositalmente por dois motivos, o primeiro seria a competição entre os que responderiam primeiro, Vaz (2011) diz que essa competição não deve ser tratada de maneira

preconceituosa, pois ela tem aspectos positivos. E mesmo que tenha aspectos negativos, eles devem ser vivenciados para serem conhecidos e compreendidos. Viver adequadamente os aspectos positivos e negativos da competição pode ajudar a preparar para a vida. Nas aulas, é difícil abrir mão das atividades competitivas, o que daria para fazer é equilibrar competição com cooperação. A segunda é pelo fato de serem palavras diferentes e difíceis de falar.

A segunda atividade foi de “Morto-vivo”. No início, a atividade consistia em levantar os braços significando vivo, e abaixando para morto, o que funcionou de forma bem legal. Em seguida, mudamos para o modo tradicional, de pé para vivo e agachado para morto. Com o passar dos comandos, percebemos que as crianças foram se desinteressando, quando se agachavam para o morto, ficavam desenhando no chão. Ao percebermos a falta de atenção, passamos para a atividade seguinte.

A terceira atividade era a do “Mestre mandou”, a qual que funcionou muito bem. Realizamos vários comandos como, andar como uma formiga, imitar um elefante, ouvir os pássaros, sentir a brisa, soltar gargalhadas, jogar beijos, dar um beijo em um colega, dar um abraço, abraço coletivo, etc. Nestes fatos podemos observar a inocência presente entre as crianças.

Na quarta atividade, que era do “Pega-rabo” foi visível o interesse das crianças, porém pudemos observar a alta competitividade entre elas, chegando ao ponto delas roubarem os rabos alheios, que já teriam sido roubados. Assim ocasionando algumas brigas. Para finalizar a aula, organizados em círculo, realizamos a brincadeira do telefone sem fio. Na qual pudemos observar alguns problemas de dicção em alguns alunos.

### ***Oitava Intervenção 02/06/2016***

Neste dia de intervenção, convidamos as crianças para nos ajudarem na montagem do cantinho, algumas no começo, nos auxiliaram, outras preferiram brincar com o lego e outros jogos que a professora Soraia distribuiu. Durante a montagem, alguns vinham curiosos olhar e perguntar se estávamos acabando. A criança que nos ajudou foi a Helena, ela ficava nos entregando as tachinhas e o martelo, toda vez que solicitado. Na parte final da aula, sentamos e cantamos músicas com eles.



### ***Nona Intervenção 07/06/2016***

Neste dia ministramos uma oficina de introdução ao clown, pedimos para que a professora regente levasse as crianças para o auditório logo após o recreio, e antes disso, preparamos o ambiente para que o mesmo se parecesse com um teatro, colocando as cadeiras lado a lado na primeira fileira, nos maquiamos e nos vestimos de clown. Quando as crianças chegaram e nos viram vestidos a caráter dava para perceber o brilho em seus olhos, pedimos para que eles se sentassem nas cadeiras, explicamos a cena e começamos uma breve apresentação para os mesmos, que ficaram em silêncio e prestando atenção. A apresentação consistia em dois clowns que queriam atravessar uma ponte, um em sentido contrário do outro, porém só dava para passar uma pessoa de cada vez na ponte, e trabalhando as características dos clowns, tentavam atravessar a ponte.

Após a apresentação perguntamos a eles se entenderam e se gostaram, obtivemos uma resposta positiva deles e então os convidamos para serem maquiados como clowns e demos a eles um nariz de palhaço, todos adoraram, porém uma das crianças não quis ser maquiada e só ganhou o nariz de palhaço, não sabemos ao certo o motivo, mas acreditamos que foi por vergonha. Essa atividade nos tomou a maior parte do tempo de aula, após todos ficarem maquiados trouxemos um espelho do banheiro feminino para que eles pudessem se ver, e para a nossa surpresa o primeiro que foi se ver era o aluno que mais demonstrava desinteresse nas outras aulas, que quase nunca falava nada e, quando viu o espelho saiu rápido em direção para se observar, e todo empolgado nos falava que iria mostrar para a família inteira.

Então com o tempo que restou, explicamos a diferença de clown e palhaço, mostramos as características do clown e os convidamos para caminhar pelo espaço como os clowns andam, e para a nossa surpresa o aluno que nos surpreendeu anteriormente nos surpreende de novo, porém dessa vez porque ele começou a brincar com um dos professores, seguindo-o, cutucando e se escondendo atrás do mesmo, sempre com um sorriso no rosto.

A aula em um todo, foi muito gratificante, pois pudemos perceber o brilho nos olhos de cada um dos alunos e em todos os momentos, na apresentação, durante a maquiagem, no caminhar, no se olhar no espelho, na hora da despedida.

### ***Décima Intervenção 09/06/2016***

Neste dia bem frio, porém ensolarado, levamos as crianças ao auditório, lá realizamos uma roda de aquecimento, onde as crianças de alongaram e pularam para se aquecer. Em seguida colocamos uma música onde eles tinham que dançar com as partes do corpo cantadas na música. Como primeira atividade, colocamos outra música para brincarmos de estátua. O objetivo era de realizar estátuas bem engraçadas com caretas. Porém, depois de algumas estátuas realizadas percebemos um grande desinteresse, então a professora se dirigiu até nós e pediu que colocássemos música da Anita, e a reação das crianças ao ouvir a tal música foi realmente incrível. As meninas gritaram e pularam de felicidade, e ainda sabiam a coreografia inteira. Alguns meninos então preferiram não dançar mais, “porque era música de meninas”, foi o que falaram.

Como as crianças se empolgaram muito com a música da Anita, não tivemos tempo para realizar as outras atividades que havíamos programado como “a galinha quer por” e “batata quente”. Pulamos direto para nossa roda musical, onde cantamos juntamente com os alunos algumas músicas, como “Escravos de jó”, onde primeiramente cantamos com as mãos batendo no chão, em seguida cantamos batendo o pé direito, depois com o esquerdo e por último com os dois pés. Em seguida cantamos a música do crocodilo, onde a cada rodada deixávamos de cantar um animal, apenas realizando seu gesto. Cantamos também a música da casinha, uma vez com o tom normal, com a voz grave, bem fina, bem alta, baixinha e mudo, apenas realizando seus gestos, e ainda como sugestão de uma aluna, cantamos a música apenas com “haha”.

Por fim, nos dirigimos para a sala de aula em fila, cantando a música do tem: “Piuí Piuí Piuí coloca a mão no meu ombro, Piuí Piuí Piuí não deixa o trem descarrilhar, Eu sou a maquina e vocês são os vagões, e os passageiros são os nossos corações”.

### ***Décima Primeira Intervenção 14/06/2016***

Neste dia, com o tema de Expressão corporal, fomos para o areão com as crianças, sendo como a primeira atividade, um aquecimento para membros superiores e inferiores. Em seguida a atividade era “Alerta”, foi uma atividade que não deu muito certo, pois mais uma vez as crianças não mostraram concentração, conseqüentemente não sabiam a seqüência da brincadeira, mesmo que os estagiários explicassem várias vezes. Ao perceber este problema mudamos de atividade, para “Elefante Colorido”, que por incrível que pareça, funcionou tão bem, que faltou ideia de cores para continuar a brincadeira.

Em seguida, realizamos a brincadeira do “Mestre mandou”, que também funcionou, tanto que partimos para opções alternativas, como procurar uma formiga, abraçar a árvore, subir na árvore, etc. Nesta atividade aproveitamos para explorar o local, com sua variedade de descobertas. Na brincadeira do “Pega-rabo”, como sempre que tentamos, não funcionou, percebemos que as crianças não entendem as regras da brincadeira, já que antes mesmo de começar, alguns pegam os rabos dos colegas e então logo começam brigas. Assim, mais uma vez, temos a falta de atenção por parte das crianças.

Por fim, formamos um círculo com as crianças, e realizamos a brincadeira do “Telefone sem fio”, que funcionou, porém eles não conseguiram reproduzir a frase dita no começo, o que causou muitas risadas. Voltamos para a sala de aula, entregamos folhas brancas para cada criança, onde deveriam desenhar algo relacionado com o areão. Enquanto eles desenhavam, colamos um bilhete em seus cadernos falando de nossa confraternização a ser realizada na próxima e última intervenção. Em alguns desenhos pudemos observar a brincadeira do “Mestre mandou”, em que foi ordenado que ouvissem o cantar dos pássaros e em seguida abraçar as árvores. Pois haviam desenhos com os pássaros e as árvores presentes no areão.

### ***Décima Segunda Intervenção 16/06/2016***

Neste último dia de intervenção, a estagiária Rosane chegou à escola umas 9 horas e a turma estava sem professor, que seria a aula de Educação Física, então ela resolveu assumir a turma, primeiramente pediu para que eles terminassem os desenhos da última aula. Em seguida eles foram colados no nosso “Cantinho das Artes”. Logo em seguida a professora Soraia chegou e rapidamente passou alguns deveres para as crianças. Pouco antes do recreio, o estagiário Isaac chegou, então decidimos realizar a confraternização na sala. Como havíamos pedido frutas nos bilhetes, com a intenção de uma alimentação saudável, pedimos que eles comessem uma fruta antes de darmos um pedaço de bolo de chocolate, feito pela estagiária Rosane, e ganhar rosquinhas feitas pelo estagiário Isaac.

Finalizamos a manhã e nossas intervenções (lágrimas) com uma roda de conversa com as crianças no nosso cantinho das artes. Lá perguntamos se haviam gostado de nossas intervenções e as brincadeiras que haviam gostado mais. E por fim, cantamos algumas músicas e ensinamos a música Ipiaia.

## APÊNDICE D – PLANOS DE AULA

### 1.1 Planos de aula

#### Plano de aula 1

### PLANO DE AULA INTRODUÇÃO AO TEMA

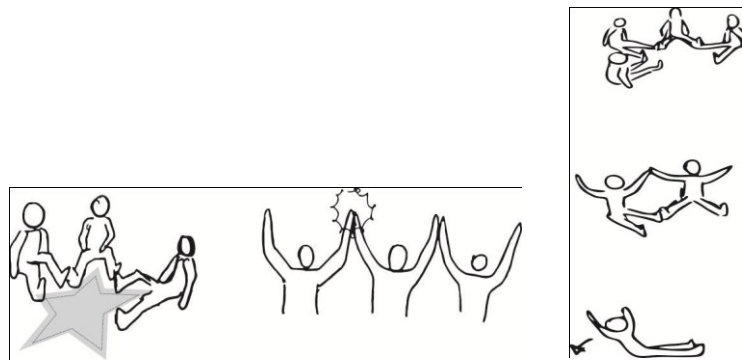
#### I) IDENTIFICAÇÃO

|                      |                |
|----------------------|----------------|
| <b>DATA:</b>         | 03/05/2016     |
| <b>MINISTRANTES:</b> | Isaac e Rosane |

#### II) ESTRUTURA

|  |
|--|
| <b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b>   |
| 1º Intervenção dos estagiários: Momento de recepção (inclusão) e oficina.  |
| <b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b>  |
| <p><b>Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.</b></p> <p>Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal). Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações).</p> <p><b>Fortalecer as relações entre integrantes e destes com a instituição.</b></p> <p>Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento.</p> |
| <b>ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):</b>   |
| <p><b>Conversa sobre teatro:</b> reunidos em forma de círculo, conversaremos com as crianças sobre o teatro, se conhecem, ou não, experiências, etc.</p> <p><b>Alongamento.</b> Principais grupos musculares. Abdominal “parado” (sentado e em</p>   |

posição de apoio) e exercícios em roda:



**Aquecimento. Travessia com apoios.** Os participantes devem atravessar a sala (ou um determinado espaço) usando, inicialmente, 4 pontos de apoio com o chão (duas mãos e dois pés). Deve-se variar as formas, posições, ordem dos apoios. Além disso, deve-se atentar para o quadril e abdômen, deixando sempre ativado, trabalhado e num plano mais elevado. Após, a mesma travessia é realizada com 3 e depois com 2 apoios.

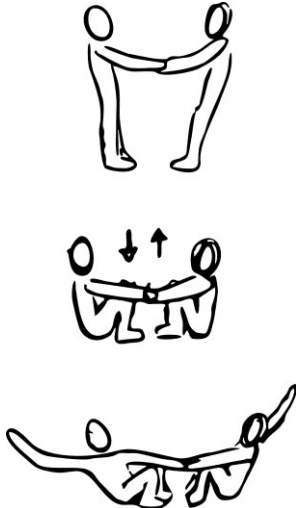
**Dinâmica: Equilíbrio em dupla.** Etapas:

De pé, aproximar-se e dar as mãos de forma cruzada (a mão direita de uma pessoa segurará a mão direita da dupla).

Direcionando o corpo para trás e esticando os braços, é realizado um "ajuste" do equilíbrio (ver etapa 1 na imagem).

"Jogando" com o peso do corpo e mantendo o equilíbrio, a dupla se abaixa e se levanta (etapa 2 na imagem).

Após realizarem algumas vezes o movimento, o nível de desafio aumenta se uma das mãos for solta e colocada para trás (ver etapa 3 na imagem). A cada ciclo ("abaixar-se e levantar-se"), a mão "solta" é trocada mudando, assim, a mão que faz o contato com a dupla.



**Apresentação: Nome e uma resposta.** Em roda, cada um diz o nome, sorteia uma pergunta (saquinho com diversas perguntas sobre aspectos pessoais), lê o papel sorteado e responde a pergunta para todos;

**Apresentação (2): Elefante, Girafa, Palmeira.** Para fixar os nomes, a brincadeira funciona em roda, com uma pessoa ao centro. Esta deve apontar para alguém, dizer o nome da pessoa e completar com “Elefante”, “Girafa” ou “Coqueiro”. Para cada uma das circunstâncias, a pessoa indicada e as respectivas vizinhas devem fazer a formação correspondente:

Elefante: Pessoa do centro posiciona os braços como uma tromba; Pessoa da direita e da esquerda fazem, com as mãos, as orelhas do elefante.

Girafa: Pessoa do centro eleva os braços simulando o pescoço da girafa; Pessoa da direita e da esquerda se abaixam;

Coqueiro: Pessoa do centro abre os braços e as pessoas ao lado devem fazer os cocos com as mãos.

**RECURSOS / MATERIAIS:**

Saquinho com diversas perguntas;

Com quem você mora? Como você avalia a sua convivência com essas pessoas?

O que você gosta de fazer nos finais de semana?

Qual estação do ano você mais gosta? Por quê?

Diga um filme que você gostou de assistir. Por quê?

Já bateu em alguém? E já apanhou de alguém? Como foi?

Qual a sua maior qualidade?

Já se apaixonou alguma vez na vida? Como foi?

Se você tivesse um milhão de reais, o que você faria?

Se você pudesse ser um animal, qual seria? Por quê?

O que não pode faltar no seu dia a dia?

Você já peidou na frente de outras pessoas? Como foi?

Você já mentiu alguma vez na vida?

Qual a viagem mais longa que você já fez? Como foi?

Qual último livro que você leu? Fale a respeito da obra.

Até quanto você sabe contar?

O que você sabe fazer bem?

Qual última peça de teatro que você viu? (Conte-nos como foi)

Qual palavrão você costuma utilizar ou sente impulso de falar?

Você tem nojo de quê?



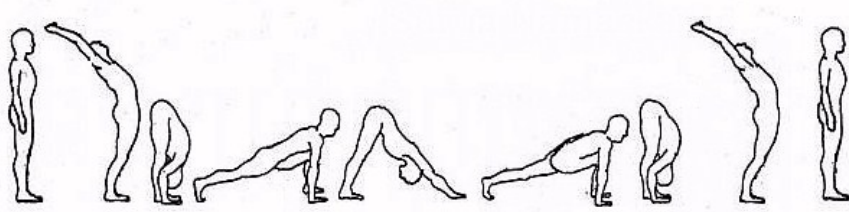
**Plano de aula 2**

## PLANO DE AULA

**I) IDENTIFICAÇÃO**

|                                     |
|-------------------------------------|
| <b>DATA:</b><br>05/05/2016          |
| <b>MINISTRANTES:</b> Isaac e Rosane |

**II) ESTRUTURA**

|  |
|--|
| <b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b>   |
| 2º Intervenção dos estagiários com a turma: Momento de recepção (inclusão).  |
| <b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b>  |
| <p><b>Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.</b><br/>Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal). Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações).</p> <p><b>Fortalecer as relações entre integrantes e destes com a instituição.</b><br/>Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento.</p> |
| <b>ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):</b>   |
| <p><b>Alongamento.</b> Principais grupos musculares e repetição do <i>Surya Namaskar</i>:</p>    |
| <b>Comando Tower.</b> Brincadeira parecida com Morto-Vivo. O coordenador da atividade profere comandos que devem ser seguidos pelos participantes sendo que quem erra vai sendo  |

"eliminado" do jogo.

Na verdade os comandos devem ser repetidos, porém somente quando estiver dentro da estrutura: "Comando [nome do comando]" e acompanhado do gesto específico. Em qualquer outro caso, por exemplo, apenas o nome do comando (sem a palavra "comando" antes) ou a estrutura acompanhada de gesto errado os participantes devem ficar imóveis.

Comandos/gestos:

Tower - braços paralelos em frente ao peito, com punhos para cima e cotovelos para baixo.

Double Tower - semelhante ao anterior, mas com os braços cruzados em frente ao peito

Mountain - as duas mãos no alto, com as palmas para baixo

Double Mountain - semelhante, mas com os braços cruzados

Rain - braços esticados para frente com os dedos se mexendo (como que tocando piano)

Double Rain - semelhante, mas com os braços cruzados

Bibelê - braços abertos rotacionando as mãos para fora e para dentro

**Jogo Mestre.** Ao estilo "siga o mestre", em roda, os participantes devem repetir os movimentos ditados por um mestre. A qualquer momento, o mestre pode passar o comando do grupo para outro participante (com um simples olhar ou como o jogo permitir). Pode-se também "roubar" o comando iniciando outro movimento. A dinâmica deve rolar até existir uma superação dos controles e brincadeira iniciais e começar um mergulho maior na atividade.

**Caminhar pelo espaço.** Diferentes variações: (1) Caminhar e acelerar conforme os sinais; (2) Caminhar e aos sinais, fazer a sequência: parar, compartilhar olhar, descer, subir, preparar para correr, continuar a andar. (3) Caminhar e, aos sinais, realizar a sequência: buscar o olhar de alguém, voltar a caminhar, correr em direção à dupla escolhida e dar um forte abraço.

**Exercício de cooperação e aproximação dos integrantes:** Andando pela sala, andar com passo de gigante, andar com passo de formiguinha, andar como se tivesse pegando fogo no chão, andando livre agora, a partir desse momento vão se alterando as mãos e direcionando para onde direcionar, ex: joelho e olho, pé e testa, cabeça e boca, dedo e dedo, orelha e cabelo, cintura e pescoço...Depois de um tempo fala somente uma parte, e agora é para encontrar o colega e encostar onde for direcionado, agora fala somente um, ex: pé, mão, testa, olho, nariz, e assim por diante, em seguida quem esta direcionando o exercício, entra no exercício, e outro vai comandando o exercício e o ritmo que quiser.

**Improviso.** Exercício realizado em equipes de até 3 pessoas. Dado um ambiente imaginário, cada um deve “entrar” no espaço e fazer uso de 1 objeto também imaginário e deixá-lo em cena. Porém, deve-se também utilizar o objeto deixado pelo colega anterior.

### Plano de aula 3

## PLANO DE AULA

### I) IDENTIFICAÇÃO

|                      |                |
|----------------------|----------------|
| <b>DATA:</b>         | 10/05/2016     |
| <b>MINISTRANTES:</b> | Isaac e Rosane |

### II) ESTRUTURA

|  |
|--|
| <b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b>   |
| 3º Encontro dos estagiários com a turma.   |
| <b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b>  |
| <p><b>Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.</b></p> <p>Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal). Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações).</p> <p><b>Fortalecer as relações entre integrantes e destes com a instituição.</b></p> <p>Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento.</p> |
| <b>ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):</b>   |

**Alongamento.** Principais grupos musculares.

**Passa Palma Dinâmico.** O jogo é semelhante ao "Passa Palma" (Jogador passa a vez escolhendo com o olhar alguém e direcionando uma palma para esta pessoa), só que acontece em um formato de "disputa" e sem a formação de roda. Monta-se 2 ou mais equipes. Uma de cada vez joga o passa palma, mas com todos os jogadores se movimentando pelo espaço. A ideia é tornar o jogo o mais dinâmico e rápido possível. Quando a equipe "errar" (deixar de passar a palma, dois integrantes passarem ao mesmo tempo ou ficar muito tempo sem passar), todos saem de cena e abrem espaço para a próxima equipe.

**Caminhar pelo ambiente.** Caminhar pela sala seguindo as orientações dadas (Marcar ponto fixo nas paredes, não esbarrar nos colegas, ocupar os diversos espaços do ambiente)

**Foco, Projeção e Repulsa.** Aproveitando a dinâmica anterior, trabalhar a importância do olhar do ator em cena (demonstração de interesse, realidade cênica e condução do espectador). Solicitar que em diferentes momentos interrompam o caminhar e, alternadamente (de acordo com os comandos), projetem seu interesse para um determinado ponto da sala.

**Improvisação (adaptação do proposto para o encontro passado).** Conceito e Exercício. Exposição sobre os componentes da improvisação e exercitar com duas cenas ("restaurante" e "espera de elevador"). Dividir o grupo em dois subgrupos. Cada subgrupo deverá "dirigir" e contribuir com a improvisação do outro subgrupo (escrevendo no quadro branco ou cartolina o elemento "surpresa" da cena). Reforçar a ideia de Partitura Corporal. Repetir a cena de 2 a 4 vezes.

*GRUPO*

1

*Personagens na mesa de um restaurante. Conversa a respeito do pedido (já realizado) e sobre o ambiente. O garçom aparece com o prato solicitado que está tampado. Ao retirar a tampa...*

*GRUPO*

2

*Personagens entram em um edifício comercial e aguardam pelo elevador. Conversas entre os personagens. Ao chegar o elevador, surge dentro dele...*

**Plano de aula 4**

PLANO DE AULA  
**CONFECÇÃO DE MATERIAIS RECICLÁVEIS**

**I) IDENTIFICAÇÃO**

|                      |                |
|----------------------|----------------|
| <b>DATA:</b>         | 12/05/2016     |
| <b>MINISTRANTES:</b> | Isaac e Rosane |

**II) ESTRUTURA**

|  |
|--|
| <b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b>   |
| 4º Encontro dos estagiários com a turma, oficina e construção do “Cantinho das Artes”.   |
| <b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b>  |
| <p><b>Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.</b><br/>         Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal). Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações).</p> <p><b>Fortalecer as relações entre integrantes e destes com a instituição.</b><br/>         Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento.</p>                     |
| <b>ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):</b>   |
| <p><b>Roda de conversa:</b> no fundo da sala, iremos realizar nossa roda de conversa, nela vamos conversar sobre a construção do nosso “Cantinho das Artes.”</p> <p><b>Confecção da Colmeia:</b> juntamente com as crianças, vamos construir uma colmeia com garrafas pet, tragas pelas crianças, para guardarmos os calçados quando formos utilizar o nosso cantinho, elas irão confeccionar um desenho sobre algo que elas gostariam que fosse trabalhado no cantinho. Esse desenho irá ser colado nas garrafas pet para identificar cada colmeia.</p> |

|  |
|--|
| <p><b>Montagem do Cantinho:</b> Juntamente com as crianças vamos realizar a montagem do nosso cantinho.</p>  |
| <p><b>RECURSOS / MATERIAIS:</b></p>  |
| <p>Garrafas pet (2 por criança)<br/> Folhas brancas<br/> Cola quente<br/> Lápis de cor<br/> TNT (preto, vermelho e amarelo).<br/> Estilete/tesoura<br/> Fita</p> |

### Plano de aula 5

#### PLANO DE AULA

#### JOGOS TEATRAIS / INÍCIO DA MONTAGEM DO “CANTINHO DAS ARTES”

#### I) IDENTIFICAÇÃO

|  |
|--|
| <p><b>DATA:</b><br/>17/05/2016</p>         |
| <p><b>MINISTRANTES:</b> Isaac e Rosane</p> |

#### II) ESTRUTURA

|   |
|---|
| <p><b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b></p>                   |
| <p>5º Encontro dos estagiários com a turma em 2016. Momento de oficina.</p> |
| <p><b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b></p>                |

**Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.**

Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal). Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações).

**Fortalecer as relações entre integrantes e destes com a instituição.**

Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento.

**ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):**

**Alongamento.** Principais grupos musculares.

**Aquecimento.** Morto-vivo Hard. De pé, ao sinal de morto, abaixar-se, e vivo levantar-se rapidamente. Entre um comando e outro, ficar dando "mini" pulos sem sair do local.

**Comando Tower.** Brincadeira parecida com Morto-Vivo. O coordenador da atividade profere comandos que devem ser seguidos pelos participantes sendo que quem erra vai sendo "eliminado" do jogo. Na verdade os comandos devem ser repetidos, porém somente quando estiver dentro da estrutura: "Comando [nome do comando]" e acompanhado do gesto específico. Em qualquer outro caso, por exemplo, apenas o nome do comando (sem a palavra "comando" antes) ou a estrutura acompanhada de gesto errado os participantes devem ficar imóveis.

Comandos/gestos:

Tower - braços paralelos em frente ao peito, com punhos para cima e cotovelos para baixo.

Double Tower - semelhante ao anterior, mas com os braços cruzados em frente ao peito

Mountain - as duas mãos no alto, com as palmas para baixo

Double Mountain - semelhante, mas com os braços cruzados

Rain - braços esticados para frente com os dedos se mexendo (como que tocando piano)

Double Rain - semelhante, mas com os braços cruzados

Bibelê - braços abertos rotacionando as mãos para fora e para dentro.

**Caminhar pelo espaço.** Diferentes variações: (1) Caminhar e acelerar conforme os sinais; (2) Caminhar e aos sinais, fazer a sequência: parar, compartilhar olhar, descer, subir, preparar para correr, continuar a andar. (3) Caminhar e, aos sinais, realizar a sequência: buscar o olhar de alguém, voltar a caminhar, correr em direção à dupla escolhida e dar um forte abraço.

**Jogo.** Relação, espelho e respostas. Sequência de jogos:

1) Formam-se duplas e estas devem manter uma espécie de relação enquanto se deslocam pelo ambiente. Trata-se de uma corda imaginária que as une e faz com que a distância entre as duas pessoas permaneça a mesma sempre. Assim, quando alguém avança o outro deve recuar. Deve-se estimular a variedade de velocidades e a circulação no espaço.

2) Dessa movimentação, parte-se para o jogo do espelho onde ambos devem reproduzir os movimentos um do outro, variando e compartilhando o "comando".

**Unidade de movimento e expressão.** Em círculo vai um de cada vez, a frente de todos e, por meio de mímica, transformam um determinado objeto em cena. É repetido o exercício até que todos realizem a atividade.

**Improvisação.** Ao final do exercício anterior, os grupos devem criar uma cena com os objetos "presentes". Os demais grupos assistem e, em seguida, dão contribuições para que o grupo possa repetir e melhorar a cena.

**Montagem do Cantinho:** Juntamente com as crianças vamos realizar a montagem do nosso cantinho.

**RECURSOS / MATERIAIS:**

Objeto qualquer.

TNT (preto, vermelho e amarelo).

Estilete/tesoura

Fita



**Plano de aula 6**

PLANO DE AULA  
**JOGOS TEATRAIS**

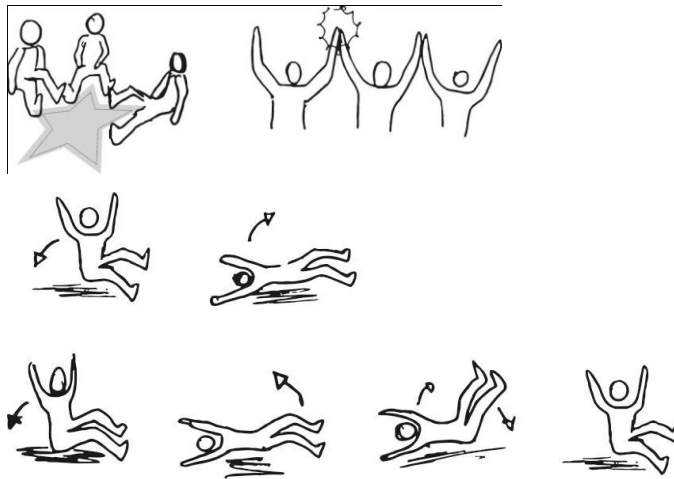
**I) IDENTIFICAÇÃO**

|                      |                |
|----------------------|----------------|
| <b>DATA:</b>         | 19/05/2016     |
| <b>MINISTRANTES:</b> | Isaac e Rosane |

**II) ESTRUTURA**

|   |  |
|---|--|
| <b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b>  |  |
| 6º Encontro dos estagiários com a turma em 2016. Oficina de Teatro a ser realizada. O momento consiste de vivência de teatro, simulando a rotina de um grupo teatral.   |  |
| <b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b>   |  |
| <p><b>Explicitar as características da rotina de trabalho de um grupo teatral</b></p> <p>Por meio da “simulação” de um encontro, vivenciar cada uma das etapas da estrutura do trabalho rotineiro de um grupo teatral (aquecimento, jogos, ensaios).</p> <p><b>Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.</b></p> <p>Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal). Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações).</p> |  |
| <b>ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):</b>  |  |
| <p><b>Alongamento/Aquecimento.</b> Em roda, sentados no chão. Cuidar/Fazer:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sentar em roda com boa proximidade;</li> <li>- Colocar as pernas para frente e trabalhar flexão e extensão dos pés;</li> <li>- Buscar contato com os pés das pessoas ao lado (as pernas de todos da roda formam uma "estrela" - vide imagem);</li> </ul>   |  |

- Subir os braços e dar as mãos (cuidar para não curvar a coluna. Deve-se "abrir" o peito).
- Após, descer ao chão (para trás) sem perder o contato dos pés e mãos (trabalho abdominal)
- Seguindo, pode-se repetir algumas vezes o movimento de descer e subir (sem perder o contato de pés e mãos);
- Aumentando o trabalho abdominal e também forçando as pernas, quando com as costas no chão, pode-se trabalhar a subida das pernas (também sem perder o contato com os colegas);



• **Alongamento/Aquecimento (2).** Repetição do *Surya Namaskar*



**Alongamento/ Aquecimento (3).** Em trios, descer e manter posição "sentada"

- Posicionar-se de costas para os colegas de trio e "engatar" os braços (desenho à esquerda da imagem);
- Mantendo o contato das costas e pressionando essa parte contra os colegas, descer até o chão e sentar-se (etapa 2 da imagem);
- Após, é possível realizar uma série de alongamentos. Primeiramente, abrindo as pernas e buscando contato com os pés dos colegas de trio (como na vista superior representada na etapa

3 da imagem);

- Com essa posição, pode-se tentar (mantendo o contato com as mão dos colegas de trio) alcançar os pés;

- Outro alongamento consiste em levar a mão esquerda ao joelho direito do colega da direita (promovendo rotação e extensão do tronco). Para isso, um colega acaba deitando sobre a perna do outro;

- Repetir o movimento para o outro lado;

- Subir (levanta-se) sem o apoio das mãos no chão (manter força no contato das costas).



### JOGOS:

**Jogo (1).** Roda de Nomes. Em roda, alguém inicia dizendo o nome de uma pessoa e caminhando em direção à ela. Esta, antes deve dizer o nome de outra pessoa e seguir na nova direção. Na medida em que o jogo acontece, as pessoas vão trocando de lugar. Com o tempo, pede-se para duas pessoas realizar a tarefa ao mesmo tempo, aumentando o ritmo do jogo;

**Jogo (2).** Jogo semelhante com o Zip Zap Boeing (Passa palma). Em roda, começa-se passando palma no sentido anti-horário e pronunciando "Pá".

Após o jogo ganhar ritmo, insere-se novos comandos:

1) Pum - quando a palma for no sentido inverso (horário)

2) Hadukem - quando se desejar passar para outra pessoa que não as adjacentes

3) Tuímmmm - Transforma o "objeto" passado em algo invisível e em deslocamento constante.

Esse objeto vai no sentido indicado pelo autor do Tuímmmm e vai avançando pela roda até alguém

"pegar" e dar um novo comando. O exercício consiste em entender a velocidade e posição do

objeto. Os participantes devem imaginá-lo no mesmo lugar.

4) Buble (bãblãu) - Pula o próximo.

5) Double Buble - Pula duas pessoas.

6) Fricote - Quando anunciado, todos devem correr, gritar, levantar os braços e trocar de lugar.

7) Sherlock - Permite "salvar" um dos participantes que estiverem no meio da roda. Os jogadores que errarem, devem sentar-se no meio da roda e só saem quando alguém der o comando Sherlock e eles completarem rapidamente com a palavra "Holmes". Só é salvo o primeiro que disser Holmes.

**Jogo (3).** Caminhar pelo espaço. Diante dos comandos, explorar os planos ALTO, MÉDIO e BAIXO.

**Jogo (4). Encaixe.** Caminhar pelo espaço e, ao sinal, fazer uma pose não convencional. Seguindo a orientação, "encaixar" com o número de integrantes solicitados (exemplo: "encaixar em grupos de 3 pessoas!"). Após parar, o participante deve manter a posição de braços e tronco, podendo se locomover (para o encaixe com outro colega) apenas com pequenos movimentos de pés e pernas. O encaixe deve explorar as posições e forçar o toque entre os participantes.

#### **ENCENAÇÃO:**

**Construção de Cenas.** Em grupos, preparar cenas curtas (até 3 minutos) que representem UM GRANDE PROBLEMA. Sugerir que os personagens envolvidos manifestem-se (expressem-se) em diferentes planos (alto, médio, baixo).

**Plano de aula 7**

PLANO DE AULA  
**JOGOS TEATRAIS**

**I) IDENTIFICAÇÃO**

|                      |                |
|----------------------|----------------|
| <b>DATA:</b>         | 24/05/2016     |
| <b>MINISTRANTES:</b> | Isaac e Rosane |

**II) ESTRUTURA**

|  |
|--|
| <b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b>   |
| 7º encontro dos estagiários com a turma.   |
| <b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b>  |
| <p><b>Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.</b></p> <p>Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal). Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações).</p> <p><b>Fortalecer as relações entre integrantes e destes com a instituição.</b></p> <p>Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento.</p> |
| <b>ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):</b>   |

**Aquecimento:** organizados em círculo, realizaremos um aquecimento esticando braços, pernas, dando saltinhos.

**Atividade 1 Comando Tower.** Brincadeira parecida com Morto-Vivo. O ministrante da atividade profere comandos que devem ser seguidos pelos participantes. Os comandos devem ser repetidos, porém somente quando estiver dentro da estrutura: "Comando [nome do comando]" e acompanhado do gesto específico. Em qualquer outro caso, por exemplo, apenas o nome do comando (sem a palavra "comando" antes) ou a estrutura acompanhada de gesto errado os participantes devem ficar imóveis. Comandos/gestos:  
 Tower - braços paralelos em frente ao peito, com punhos para cima e cotovelos para baixo.  
 Double Tower - semelhante ao anterior, mas com os braços cruzados em frente ao peito  
 Mountain - as duas mãos no alto, com as palmas para baixo  
 Double Mountain - semelhante, mas com os braços cruzados  
 Rain - braços esticados para frente com os dedos se mexendo (como que tocando piano)  
 Double Rain - semelhante, mas com os braços cruzados  
 Bibelê - braços abertos rotacionando as mãos para fora e para dentro.

**Atividade 2 Morto-vivo:** Uma pessoa é escolhida como líder e ficará à frente dos colegas. É ele quem vai dar as instruções que devem ser obedecidas pelas outras crianças. Quando o líder disser: "Morto!", todos ficarão agachados. Quando o líder disser: "Vivo!", todos darão um pulinho e ficarão de pé. Quem não cumprir as ordens é eliminado, até sobrar um só participante, que será o vencedor e o próximo líder. O grau de dificuldade da brincadeira varia conforme a velocidade em que os comandos são dados, lembrando que a sequência das ordens podem variar, por exemplo: "Vivo! Vivo! Vivo! Morto! Morto! Vivo!". Isso irá confundir os jogadores e exigirá ainda mais atenção dos participantes.

**Atividade 3 Mestre Mandou:** Um dos participantes é encarregado de ser o mestre e ficará a frente dos outros colegas. Ele dará as ordens e todos os seguidores deverão cumpri-las desde que sejam precedidas das palavras de ordem: "O mestre mandou". As ordens que não começarem com essas palavras não devem ser obedecidas. Por isso, esse é um jogo que exige bastante atenção. A diversão está na dificuldade das tarefas dadas pelo chefe, que pode pedir, por exemplo, que os seguidores tragam objetos de determinada cor ou façam uma sequência de atividades de uma vez só, como: "O mestre mandou... pular de um pé só mostrando a língua,

girando e batendo palma!”

**Atividade 4 Pega-rabo:** Distribua para cada um pedaços de pano ou fitas de cores diferentes. Os jogadores devem prender a fita no cós da calça ou bermuda, como se fosse um rabo. Neste jogo de pega-pega, as crianças correm umas atrás das outras e tentam pegar o maior número de ‘rabos’. Quem ficar sem rabo tenta pegar dos demais.

**Atividade 5 Telefone sem fio:** Sentados em círculo, um ao lado do outro, a brincadeira começa com um dos jogadores elaborando uma frase e dizendo-a bem baixinho no ouvido do participante que estiver ao seu lado. Este repete a frase, como a ouviu, para a próxima pessoa e assim sucessivamente até o último jogador, que deve dizer a frase em voz alta. Raramente ela será a mesma dita pela primeira pessoa da roda, o que garante a diversão na brincadeira.

**RECURSOS / MATERIAIS:**

Rabos feitos de fita ou papel

**Plano de aula 8**

PLANO DE AULA  
INTRODUÇÃO AO CLOWN

**I) IDENTIFICAÇÃO**

**DATA:**

02/06/2016

**MINISTRANTES:**

Isaac e Rosane

**II) ESTRUTURA**

**APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:**

8º encontro dos estagiários com a turma. O momento consiste em Oficina de Clown para as crianças.

**FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):**

**Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.**

Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um.  
Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral".

**Fortalecer as relações entre integrantes.**

Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento.

**Conceituar clown**

**ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):**

**Apresentação de Cena Clown pelos ministrantes: *O caminho***

**Sequência**

- Caminhar um para o outro e parar com o pé no ar (triangulação)
- Um caminha para frente e o outro para trás (vice-versa)
- Um inverte (vice-versa)
- Os dois invertem
- Ameaça de passagem (finta)
- Irritação e briga (trocando de lado)
- Percepção da mudança, triangulação e encerramento

**Oficina de pintura:** maquiagem das crianças com maquiagem de Clown: lápis preto no olho e envolta da máscara, nariz vermelho, máscara branca.

**Aquecimento:** organizados em círculo, realizaremos um aquecimento esticando braços, pernas, dando saltinhos, etc.

**Aquecimento (2):** "Dança com as partes do corpo"

**CRIAÇÃO CLOWN:**

**Visualização.** Música característica e preparação através de indicações do comportamento clown (enumeração de características a serem incorporadas, escolhidas).

**Caminhar pelo espaço.** Nariz vai primeiro, Abrir uma garrafa, Abrir o zíper, Abrir uma gaveta, Tirar um casaco, Colocar uma calça, Empurrar um piano, etc.

**Atitude/Confiança.** Vivenciar a "coragem" do clown em situações como "REALIZAÇÃO DE UM GRANDE SALTO" e "CORRIDA SENTADO".

**RECURSOS / MATERIAIS:**



|  |
|--|
| <p>CD com músicas infantis</p> <p>Músicas características Clown</p> <p>**Narizes</p> <p>Tinta branca para o rosto</p> <p>Lápis preto</p> <p>Batom vermelho</p> <p>Lenço umedecido (para retirar a maquiagem)</p> |
|--|

### Plano de aula 9

## PLANO DE AULA CONFEÇÃO DO CANTINHO DAS ARTES

### I) IDENTIFICAÇÃO

|                      |                |
|----------------------|----------------|
| <b>DATA:</b>         | 07/06/2016     |
| <b>MINISTRANTES:</b> | Isaac e Rosane |

### II) ESTRUTURA

|  |
|--|
| <b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b>   |
| 9º Encontro dos estagiários com a turma, oficina e construção do “Cantinho das Artes”.   |
| <b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b>  |
| <p><b>Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.</b></p> <p>Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal). Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações).</p> <p><b>Fortalecer as relações entre integrantes e destes com a instituição.</b></p> <p>Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento.</p> |

|  |
|--|
| <b>ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):</b>   |
| <p><b>Roda de conversa:</b> no fundo da sala, iremos realizar nossa roda de conversa, nela vamos conversar sobre a construção do nosso “Cantinho das Artes.”</p> <p><b>Montagem do Cantinho:</b> Juntamente com as crianças vamos realizar a montagem do nosso cantinho.</p> |
| <b>RECURSOS / MATERIAIS:</b>   |
| <p>TNT (preto, vermelho e amarelo).</p> <p>Estilete/tesoura</p> <p>Fita</p>  |

### Plano de aula 10

## PLANO DE AULA VIVÊNCIA MÚSICAL

### I) IDENTIFICAÇÃO

|                      |                |
|----------------------|----------------|
| <b>DATA:</b>         | 09/06/2016     |
| <b>MINISTRANTES:</b> | Isaac e Rosane |

### II) ESTRUTURA

|  |
|--|
| <b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b>                   |
| 10º Encontro dos estagiários com a turma, dia de vivências musicais. |
| <b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b>                |

**Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.**

Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um (vocal e corporal). Capacitar para o reconhecimento e reprodução dos componentes do gênero "peça teatral" (e suas variações).

**Fortalecer as relações entre integrantes.**

Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento.

**ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):**

**Aquecimento:** organizados em círculo, realizaremos um aquecimento esticando braços, pernas, dando saltinhos.

**Aquecimento (2):** "Dança com as partes do corpo"

**Atividade 1 Estátua:** Um dos participantes, escolhido para ser o líder, coloca uma música. Enquanto a música toca os jogadores dançam livremente, mas quando o líder disser: "Estátua!", a música para e todos os participantes devem congelar e manter a mesma pose sem mexer.

**Atividade 2: Galinha quer pôr:** Formamos uma roda com as crianças, elas ficam sentadas no chão. Por fora da roda, uma das crianças fica com um objeto nas mãos simbolizando o ovo. As crianças começam cantando: "a galinha chocou. Não vale dizer nem para vovó, nem pro vovô que o ovo quebrou na careca do vovô". A criança que está com o "ovo" (objeto) na mão deve colocá-lo atrás de uma criança distraída, essa criança deverá perceber pegar o "ovo" e correr atrás da criança que estava andando fora do círculo. Caso este consiga pegar a criança que colocou o ovo (objeto), este irá para o meio da roda, caso contrário a criança que estava com o "ovo" sentará no lugar daquele que estava sentado.

**Atividade 3 Batata-quente:** Os jogadores formam um círculo, com um deles sentado ao centro da roda com os olhos vendados. No círculo, cada jogador deve passar a bola – ou a batata – para o que está a sua direita. Enquanto o objeto circula, todos cantam: 'Batata quente, quente, quente, quente... '. A qualquer momento o jogador que está vendado pode gritar: 'Queimou!' Quem estiver com a bola nas mãos nesse instante será o próximo a ir para o centro da roda.

**Encerramento Roda cantada:** Serão cantadas com as crianças várias músicas, sendo realizadas os movimentos específicos de cada música:

|   |
|---|
| -Escravos de Jó<br>-Crocodilo<br>-Casinha<br>-Trem (Eu vou andar de trem, você vem também...)<br>-Trem (Piui piui coloca a mão no meu ombro...) |
| <b>RECURSOS / MATERIAIS:</b>  |
| CD com músicas Clown<br>CD com músicas infantis<br>Bola   |

### Plano de aula 11

## PLANO DE AULA EXPRESSÃO CORPORAL

### I) IDENTIFICAÇÃO

|                      |                |
|----------------------|----------------|
| <b>DATA:</b>         | 14/06/2016     |
| <b>MINISTRANTES:</b> | Isaac e Rosane |

### II) ESTRUTURA

|  |
|--|
| <b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b>   |
| 11º encontro dos estagiários com a turma.  |
| <b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b>  |
| <p><b>Desenvolver as capacidades cênicas dos integrantes.</b><br/>         Proporcionar evolução e autoconhecimento das habilidades expressivas de cada um.</p> <p><b>Fortalecer as relações entre integrantes.</b><br/>         Construir o espírito de equipe. Promover vivências e experiências que enalteçam as qualidades do grupo e o sentimento de pertencimento.</p> |

### ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):

**Aquecimento:** organizados em círculo, realizaremos um aquecimento esticando braços, pernas, dando saltinhos..

**Atividade 2 Alerta:** Um dos participantes é escolhido para começar e ficará com a bola nas mãos. Ele fica à frente e de costas para o restante do grupo, que se espalha atrás dele. O jogador lança a bola com força para o chão – para que ela quique bem alto – ao mesmo tempo em que fala o apelido de uma das outras crianças do grupo. Esta, por sua vez, deve correr para pegar a bola, enquanto os outros participantes correm no sentido oposto. Ao pegar a bola o jogador deve gritar: “Alerta”. Nesta hora, todos os jogadores param no lugar onde estão. O jogador com a bola pode dar três saltos e tentar ‘queimar’ alguma outra criança. Se conseguir, quem foi atingido fica à frente da fila com a bola na mão. Caso contrário, ele mesmo deve ficar à frente da brincadeira.

**Atividade 3: Elefante colorido:** Um participante é escolhido para comandar, no caso de crianças mais novas o ideal é que seja um adulto. Ele fica à frente dos demais e diz: “Elefantinho colorido!”. Os outros respondem: “Que cor?”. O comandante então grita o nome de uma cor e os jogadores correm para tocar em algo que tenha aquela tonalidade. Quanto mais longe o acesso a cor, mais difícil o jogo fica. Para os mais velhos a brincadeira ficará mais divertida se o comandante perseguir os outros participantes e tentar capturá-los antes que eles cheguem à cor. O primeiro capturado vira o próximo comandante.

**Atividade 4: Mestre Mandou:** Um dos participantes é encarregado de ser o mestre e ficará à frente dos outros colegas. Ele dará as ordens e todos os seguidores deverão cumpri-las desde que sejam precedidas das palavras de ordem: “O mestre mandou”. As ordens que não começarem com essas palavras não devem ser obedecidas. Por isso, esse é um jogo que exige bastante atenção. A diversão está na dificuldade das tarefas dadas pelo chefe, que pode pedir, por exemplo, que os seguidores tragam objetos de determinada cor ou façam uma sequência de atividades de uma vez só, como: “O mestre mandou... pular de um pé só mostrando a língua, girando e batendo palma!”

**Atividade 5: Pega-rabo:** Distribua para cada um pedaços de pano ou fitas de cores diferentes. Os jogadores devem prender a fita no cós da calça ou bermuda, como se fosse um

rabo. Neste jogo de pega-pega, as crianças correm umas atrás das outras e tentam pegar o maior número de ‘rabos’. Quem ficar sem rabo tenta pegar dos demais.

**Atividade 6: Telefone sem fio:** Sentados em círculo, um ao lado do outro, a brincadeira começa com um dos jogadores elaborando uma frase e dizendo-a bem baixinho no ouvido do participante que estiver ao seu lado. Este repete a frase, como a ouviu, para a próxima pessoa e assim sucessivamente até o último jogador, que deve dizer a frase em voz alta. Raramente ela será a mesma dita pela primeira pessoa da roda, o que garante a diversão na brincadeira.

**Atividade 7: Exploração do espaço:** As crianças deverão explorar e analisar todo o espaço do areão.

**Atividade 8: Desenho:** as crianças irão para a sala e deverão desenhar tudo o que observaram no areão.

**Atividade 9: Músicas:** Juntamente com as crianças iremos cantar diversas músicas conhecidas pela turma, também iremos ensinar uma á eles: Ipiáia

### **Ipiáia**

Ipi, aia, ipi ipi, aia (2x)

Ipi, aia, ipi ipi, aia, ipi ipi aia, ipi ipi aia

No caminho eu encontrei um burrinho, inhó (2x)

No caminho eu encontrei (3x) um burrinho, inhó

Ipi, aia, ipi ipi, aia, inhó (2x)

Ipi, aia, ipi ipi, aia, ipi ipi aia, ipi ipi aia, inhó

No caminho eu encontrei um camelo, ondulado (2x) (...) encontrei (3x) um camelo, ondulado

Ipi, aia, ipi ipi, aia, inhó, ondulado (2x)

Ipi, aia, ipi ipi, aia, ipi ipi aia, ipi ipi aia, inhó, ondulado

No caminho eu encontrei uma moto, vrum vrum (2x) (...) encontrei (3x) uma moto, vrum vrum

Ipi, aia, ipi ipi, aia, inhó, ondulado, vrum vrum (2x)

Ipi, aia, ipi ipi, aia, ipi ipi aia, ipi ipi aia, inhó, ondulado, vrum vrum

No caminho eu encontrei um poste, póóóóiin (2x) (...) encontrei (3x) um poste, póóóóiin

Ipi, aia, ipi ipi, aia, inhó, ondulado (2x)

|  |
|--|
| <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, ipi ipi aia, ipi ipi aia, inhó, ondulado, vrum vrum, póóóiin</p> <p>No caminho eu encontrei uma velhinha, Ai meu netinho! (2x) (...) encontrei uma velhinha (...)</p> <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, inhó, ondulado (2x)</p> <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, ipi ipi aia, ipi ipi aia, inhó, ondulado, vrum vrum, póóóiin, ai meu netinho!</p> <p>No caminho eu encontrei um palhaço, há há há (2x) (...) encontrei um palhaço, há há há</p> <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, inhó, ondulado (2x)</p> <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, ipi ipi aia, ipi ipi aia, inhó, ondulado, vrum vrum, póóóiin, ai meu netinho! Há há há</p> <p>No caminho eu encontrei um astronauta, (andar como se estivesse no espaço) (2x)</p> <p>No caminho eu encontrei (3x) um astronauta (andar como se estivesse no espaço)</p> <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, inhó, ondulado (2x)</p> <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, ipi ipi aia, ipi ipi aia, inhó, ondulado, vrum vrum, póóóiin, ai meu netinho! Há há há, (andar como se estivesse no espaço)</p> <p>No caminho eu encontrei uma bomba, BUM (2x) (...) encontrei uma bomba, BUM</p> <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, inhó, ondulado (2x)</p> <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, ipi ipi aia, ipi ipi aia, inhó, ondulado, vrum vrum, póóóiin, ai meu netinho! Há há há, (andar como se estivesse no espaço), BUM</p> <p>No caminho eu encontrei uma torcida, ÊÊÊÊ (2x) (...) encontrei uma torcida, ÊÊÊÊ</p> <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, inhó, ondulado (2x)</p> <p>Ipi, aia, ipi ipi, aia, ipi ipi aia, ipi ipi aia, inhó, ondulado, vrum vrum, póóóiin, ai meu netinho! Há há há, (andar como se estivesse no espaço), BUM, ÊÊÊÊ</p> |
| <p><b>RECURSOS / MATERIAIS:</b> Rabos feitos de fita ou papel</p> <p>Folha branca (uma por criança)</p>  |

## Plano de aula 12

|                      |                |
|----------------------|----------------|
| <b>DATA:</b>         | 16/06/2016     |
| <b>MINISTRANTES:</b> | Isaac e Rosane |

### II) ESTRUTURA

|   |
|---|
| <b>APRESENTAÇÃO / JUSTIFICATIVA / NECESSIDADE:</b>  |
| 12º encontro dos estagiários com a turma.   |
| <b>FINALIDADES / OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICOS):</b>   |
| <b>Momento de confraternização com as crianças e conversa sobre as intervenções.</b>  |
| <b>ESTRATÉGIAS (MÉTODO, ATIVIDADES):</b>  |
| <p>Como forma de piquenique regado de frutas trazidas pelas crianças e pelos estagiários, iremos realizar uma confraternização com as crianças e a professora responsável.</p> <p>Conversaremos sobre as intervenções realizadas.</p> <p><b>Encerramento Músicas:</b> Juntamente com as crianças iremos cantar diversas músicas conhecidas pela turma, também iremos ensinar uma á eles: Ipiáia</p> |
| <b>RECURSOS / MATERIAIS:</b>  |
| <p>Lembrancinhas</p> <p>Frutas (banana, maçã, suco de laranja)</p>  |



